

Coletânea de Contos 2013



Miguel Guggiana
Organizador

Fernanda Noal | Getulio Vargas Zauza
Gustavo Pimental | Leandro Dóro
Leonardo Nunes Nunes | Lindolfo Kurtz
Marcelo Henrique Noal | Rogério Sikora
Rosane Souza | Sueli Frosi | Victor Scofield

CONTOS DA NOSSA TERRA:
GARANTIA DE BOA LEITURA!

Põe algum resquício de pureza – alma!
Naquilo tudo que fazes, no que escreves,
No que planejas ou te aguça a razão!
O pensamento – matéria oculta!
Flui livre, leve, solto...
Quando, então, dele resulta,
Vasta gama de palavras:
O prisma iluminado da criação
A espionar o que esculpes...

Curiosa a mente voa, busca emoção!
Através do culto à palavra escrita
Que gera bem estar, deleite, satisfação...

Oh leitor! Dispa-se das vaidades
[todas em desuso
Vista se em novas roupagens,
Estampas de aparências juvenis,
Que, agora, jeitosos e formais
Já não mais seguimos à risca,
Saudosos, a velha risca de giz!
E, entre uma ou outra congratulação
Viajemos confortáveis por quaisquer
Mares, céus ou país!
Bem dosada, com algum requinte
E intelectualidade é esta obra, a leitura
Que almejas, a que sempre quis
E que levareis em tua bagagem,
Enquanto, consigo, nesta nova viagem
Além mito também decola... Imaginação!
O que, certamente, irá de encontro
Ao seu desejo, gosto, toda satisfação!

A todos uma boa viagem!
Digo, uma boa leitura!

Colaborador (Marlene Kremer)

MIGUEL GUGGIANA (ORG.)
FERNANDA NOAL
GETULIO VARGAS ZAUZA
GUSTAVO PIMENTAL
LEANDRO MALÓSI DÓRO
LEONARDO NUNES NUNES
LINDOLFO KURTZ
MARCELO HENRIQUE NOAL
ROGÉRIO SIKORA
ROSANE SOUZA
SUELI GEHLEN FROSI
VICTOR SCOFIELD

Coletânea de Contos 2013



Acrílico sob tela – Abstrato – Silvana Oliveira



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

MIGUEL GUGGIANA (ORG.)
FERNANDA NOAL
GETULIO VARGAS ZAUZA
GUSTAVO PIMENTAL
LEANDRO MALÓSI DÓRO
LEONARDO NUNES NUNES
LINDOLFO KURTZ
MARCELO HENRIQUE NOAL
ROGÉRIO SIKORA
ROSANE SOUZA
SUELI GEHLEN FROSI
VICTOR SCOFIELD

Coletânea de Contos 2013

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Contos, -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013.
112p.; 21 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença [Creative Commons Atribuição-Compartilhalqual 3,0 Nao Adaptada](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR).

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelos Autores em: 24/06/2013

C694 Coletânea de contos 2013 [recurso eletrônico] / Miguel Guggiana (org.) ; Fernanda Noal ... [et al.]. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-011-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Guggiana, Miguel, coord. II. Noal, Fernanda. III. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO.....	11
FERNANDA NOAL	13
Mike	13
GETULIO VARGAS ZAUZA	19
O Sr. general e a máquina do tempo	19
O ultimo Guasca.....	21
GUSTAVO PIMENTAL	29
Suave Amiga.....	29
A Selva.....	33
O ócio.....	42
Est la Vie.....	51
LEANDRO DÓRO.....	58
Triângulo de Rodrigo	58
LEONARDO NUNES NUNES	61
Fábula ou Parábola?	61
O Homem que não conseguia	65
LINDOLFO KURTZ.....	70
O Presente.....	70
MARCELO HENRIQUE NOAL	74
Um Presente para Carmem.....	74
ROGÉRIO SIKORA	79
Noites insones	79
ROSANE SOUZA	83
Saudade.....	83
SUELI FROSI.....	89
Vida nova, casa nova	89
Uma vida miserável	93
Os desejos de Laura.....	98
VICTOR SCOFIELD	109
A Caneta Alienígena.....	109



APRESENTAÇÃO

Esta coletânea revela o potencial literário dos contistas que vêm encontrando, no Projeto Passo Fundo espaço para a divulgação de suas histórias. Iniciantes ou tarimbados, eles demonstram que a literatura pode partir de detalhes cotidianos para dar sentido à complexa vida humana. Assim, se é verdade que “quem conta um conto aumenta um ponto”, posso afirmar que as situações aqui narradas ganham uma nova e maior dimensão, graças à percepção sensível do mundo que passa a ser oferecida aos leitores por meio dos textos incluídos nesta obra.

O organizador

Miguel Guggiana



PREFÁCIO

Contar histórias faz parte do nosso cotidiano. Contamos histórias a todo o momento...

A Coletânea de Contos 2013 do Projeto Passo Fundo nasce em boa hora: para os autores que esperavam ansiosamente pela publicação, reconhecimento dos seus dons e a possibilidade de divulgação de seus trabalhos, para os leitores que terão em suas mãos um livro com enredos envolventes, finais surpreendentes que instigam a vontade de continuar a história e aguçam a imaginação, transformando os momentos de leitura em puro prazer.

Que a Coletânea de Contos 2013 seja a primeira de muitas. E essa vai dar o que falar, ou contar, como queiram!

Anelise Rech



FERNANDA NOAL¹

Mike

Realmente aqueles foram os nossos melhores dias, a juventude nos completava. Eu e Mike éramos amigos desde crianças, lembro-me perfeitamente o dia em que o vi pela primeira vez. Ele era um menino frágil e de certo modo efeminado, estranhamente gentil com aqueles grandes e delicados olhos cinzentos. Vestia uma camiseta desajeitadamente clara demais em contraste com sua pele morbidamente branca e um blue jeans simples e justo.

Eu estava com meus onze anos de idade e ele completara doze uma semana antes de começar a frequentar o colégio do vilarejo. Seus pais haviam se separado e ele escolhera ficar com a mãe quando ocasionalmente descobrira a razão do divórcio: seu pai tinha uma amante cerca de oito anos mais velha que o próprio Mike.

Quando começamos a conversar percebi uma grande insegurança em seus gestos e logo então sua ingenuidade. Ele era transparente, sincero e muito agradável, enquanto eu era um perfeito arruaceiro. Muito provavelmente isso fora o que nos unira: as nossas diferenças. Ele era o cérebro e eu os punhos, como todos costumavam dizer.

Com o tempo ele foi se transformando em um reflexo meu, suas frases estavam cheias de ironia e agressividade. Aonde íamos tínhamos de sair sempre às pressas.

¹ Nasceu em Passo Fundo em março de 1993. Aos dez anos mudou-se para Santa Catarina, onde viveu por oito anos. Retornou à sua cidade natal em abril de 2011, ingressando no Projeto Passo Fundo recentemente. Escreve principalmente poemas, contos e crônicas. Estando trabalhando em seu primeiro romance que espera publicar em breve.



O treinei como um adestrador treina cachorros, ele me respeitava e imitava. Perdi as contas de quantas vezes assumira culpas que não lhe pertenciam para me proteger ou impressionar. De qualquer modo ele era um bom amigo, manso e leal e era isso que importava naqueles tempos.

Não falarei mais sobre infância, não quero passar uma impressão errada a meu respeito. Nunca fui uma criança de todo ruim, talvez um pouco revoltado, mas a maldade nunca chegou a comandar meus atos. A perversidade veio com a maturidade, por assim dizer. Como adulto não sou o melhor ser humano.

Com o passar dos anos, Mike se fez no meio dos negócios e eu me fiz um belo conhecedor de bebidas baratas. Só percebi que tinha o hábito de beber quando tentei ficar sóbrio sem bons resultados.

Eu decaía cada vez mais e meu amigo subia em direção ao sucesso definitivo. Um homem de negócios, definitivamente. Sua aparência se transformara, ele era levemente mais alto e mais belo do que eu. Seus grandes olhos cinzentos eram profundamente encantadores, segundo as mulheres.

Certo dia ele me chamou para um jantar que daria em honra a uma bela dama, queria que conhecesse sua namorada. Eu era sua única família, como ele costumava dizer, desde que sua mãe morrera. Queria saber minha opinião sobre ela.

Uma bela e encantadora moça, fora minha primeira impressão sobre Alice. Belos e meigos olhos castanhos esverdeados e lábios suavemente vermelhos e bem desenhados se abriam em um sorriso digno dos deuses.

Começou a passar mais tempo com ela do que comigo, o que me enraivecia bastante, por muitos motivos, um deles era que só desfrutava de um bom vinho quando jantava com ele.



Tinha que agir, abri seus olhos e fiz com que “percebesse” que ela era uma interesseira, inventei algumas histórias, o que convenceu Mike de que ela realmente queria seu dinheiro.

Ele ficou desolado nas semanas que se seguiram, mal comia e perdeu grande parte de seu interesse pelos negócios. Mas jantávamos juntos pelo menos quatro vezes por semana, o que me era muito prazeroso.

Dois meses se passaram e eu estava em seu apartamento de cobertura beira à mar, quando o telefone tocou. “Atenda pra mim” dissera do banheiro, estava no banho e não queria ser incomodado.

Era uma amiga de Alice para contar-lhe sobre o possível suicídio da moça. Ficara muito deprimida pelo término do relacionamento e decidira que não podia mais viver sem Mike.

Fiquei gelado e pálido instantaneamente, minhas mãos suavam friamente, mas consegui manter o controle e não comentei sobre esse “pequeno incidente” com meu amigo, ele já se preocupava com coisas demais, seria submetê-lo a um sofrimento desnecessário.

Então as coisas que se seguiram foram confusas e incoerentes. Mike estava cada dia mais enfraquecido e magro, não comentava comigo, mas eu sabia que ele não estava bem. Mais dois meses se passaram e ele me convidou para um jantar simbólico, nas palavras dele.

“Estou morrendo, amigo” disse ele, simplesmente. “Tudo que tenho será seu, como forma de agradecer-lhe por tantos anos de lealdade e amizade sincera.” Desmanchei em lágrimas ardidas e realmente sinceras, mas não de sofrimento como ele pensara, sim de alegria por saber que ficaria rico.

Não sei quanto tempo se passou, só sei que um dia cheguei ao seu apartamento e ele me esperava com champanhe e um belo sorriso. “Muitos avanços medicinais, talvez sobrevivesse. Sua doença não era tão



rara quanto os especialistas haviam imaginado.” Tudo isso despejado em cima de mim sem a menor piedade ou compreensão.

Decidi então que teria que agir de qualquer jeito. Uma semente de esperança havia sido plantada dentro de mim e agora que ela estava brotando, simplesmente tentavam arrancá-la pela raiz. Isso eu não poderia permitir, eu merecia ter uma boa vida. Eu merecia a vida de Mike muito mais do que ele mesmo.

Enfim passou-se um ano, não podia esperar mais. Cheguei mais cedo do que costume para o nosso jantar rotineiro de sexta-feira.

Sorri meu mais belo sorriso para ele e pedi uma taça de vinho, virou-se e colocou-se a caminho da adega que ficava no canto esquerdo da imensa sala de estar. Tirei de dentro da jaqueta o punhal que, ironicamente, fora presente seu em meu último aniversário. Eu adorava punhais, de todos os tamanhos e modelos, bem talhados, artesanais. Eram minha verdadeira paixão, depois é claro da bebida.

Voltei a guardar o punhal dentro da jaqueta, peguei um grande e pesado abajur que estava como sempre ao lado de uma das poltronas e rapidamente acertei-lhe a nuca com todas as forças de que dispunha. Ao cair ele me dirigiu o que me pareceu um olhar surpreso e assustado, mas não tinha tempo para pensar nisso.

Cuidadosamente apanhei o punhal novamente, mas dessa vez não tornaria a guardá-lo. A primeira listra de sangue surgiu em seu pescoço comprido, o sangue escorreu delicadamente pela gola de sua camisa cinza, o que provocou em mim um arrepio insano de prazer. Mais alguns cortes verticais foram desenhando-se em seu pescoço, majestosamente. Quase perdi a lucidez por um instante, colocando tudo a perder, mas me controlei.

Em minha cabeça conseguia enxergar-me sobre seu corpo como um animal sedento de sangue, rasgando-lhe a face brutalmente, arrancando-lhe aqueles malditos olhos que eu tanto havia invejado durante toda a vida. Experimentei mentalmente o prazer de arrancar-lhe as unhas

uma a uma, enquanto ele me olhava agonizando, vivo e decepcionado. O cheiro de morte me invadindo, me completando. A necessidade de sentir o gosto amargo do sangue, a necessidade de abrir-lhe a barriga e arrancar-lhe as tripas. Sentir o último pulsar de seu coração com ele em minhas mãos frias.

Foi quando algo distraiu minha atenção, um envelope dourado e caprichosamente assinado por Mike seguido por meu nome em letras negras e bem desenhadas.

Em palavras muito bem escolhidas e de certo modo melancólicas e amorosas, dizia-me que embora muitos avanços tivessem sido feitos na medicina, os médicos lhe enganaram, viveria no máximo seis meses ainda. E que eu, como seu bom e único amigo, ficaria com o seu suor e os resultados dele, resumindo, com seu patrimônio. Completava dizendo que eu era o único nome que constava em seu testamento e que sabia que eu tinha todas as qualidades para seguir em frente com os negócios.

Chorei, mas não de arrependimento. As lágrimas surgiram em reação ao pensamento de que a própria vítima havia feito do meu crime, perfeito.

Limpei a minha bagunça pessoal, troquei de roupa e liguei pra polícia.

Chegara ao apartamento e o encontrara ali inerte e sem vida, com a carta pousada ao lado. Me recompus e tomei os procedimentos necessários.

No inquérito constava que ele estava desiludido pelos médicos e sua namorada tinha se suicidado pouco mais de um ano. Eu acrescentei a meu pobre amigo, um vício que me pertencia. Alcoólatra e deprimido, acabara tirando a própria vida.

Pensei eu que se Mike encontrasse sua doce Alice lá pelo além, descobriria amargamente que ela se matara por ele.

Seu velório foi solitário e triste, entre todos os empresários presentes eu era o único ser vivo que realmente chorava lágrimas ternas e cúmplices por Mike.

Hoje sou bem sucedido e dinheiro verte por todos os lados. Quase não bebo, libertei-me do vício. Todas as noites faço um minuto de silêncio pela alma de Mike antes de dormir, ele morreria mesmo, só o libertei de sofrimentos desnecessários novamente, hospitais e tal e coisa.

Que ele e sua namorada sejam felizes, nas profundezas de onde estiverem...



GETULIO VARGAS ZAUZA²

O Sr. general e a máquina do tempo

Contou-me um velho soldado:

"Certa feita, eu era ordenança do Sr. general."

O Sr. general passava os dias atrás de uma mesa muito bonita, que deveria ser muito cara, fazendo NADA.

Um dia o Sr. general estava cansado, cansado de nada fazer (mas que pode um general fazer em tempo de paz?). Eu limpava os cinzeiros, tirava o pó de cima dos móveis, abria e fechava as janelas colocando mais luz ou mais penumbra dentro do gabinete de S. Excia. E servia café para o senhor general ficar acordado, talvez para viver melhor o seu tédio.

Um certo dia o Sr. general perguntou-me se era possível para o tempo. Eu lhe disse que consta na História Sagrada que Deus uma vez fez parar o Sol para quem um general seu protegido ganhasse uma batalha. Mas eu cá por mim acho que se deus quisesse fazer algo no gênero, teria parado a Terra em seu giro e não o Sol, que já está parado. E disse-lhe ainda que já haviam inventado uma máquina que não fazia parar o tempo, mas o fazia andar bem lentamente.

Então o sr. general encarregou-me de conseguir a tal máquina, pois que se um dia tivesse que travar uma batalha, não tendo a certeza de

² Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e articulista do jornal O Nacional onde escreveu inúmeros artigos sobre assuntos de sua especialidade, sobre urbanismo, educação, política, sociologia, ciência de natura, filosofia, contos e crônicas, tendo publica- do o livro de poemas Cânticos do Amor à Vida em 1984.



ser o protegido de Deus, como o general da História sagrada, e se Ele iria parar o Sol, sempre seria bom poder retardar o anoitecer.

Eu como todo o bom soldado, não discuti a ordem e tratei de consegui a dita máquina. Foi assim que fiz trazerem-lhe um enorme relógio de parede, desses que fazem tic-tac-tic-tac enervante. Eu disse-lhe: eis a máquina que retarda o tempo!

-Mas isso é um relógio, soldado!

Eu sei. Mas como o sr. não tem nada que fazer, fique olhando esse relógio o dia inteiro. O sr. vai ver como os minutos parecerão horas. S horas parecerão séculos. O seu dia parecerá infinito.

O senhor general, que não era um general truculento (a truculência em geral vai de cabo até coronel) achou interessante e aceitou a minha sugestão. E como nada tivesse, fez o que lhe sugeri.

Ao cabo de algumas horas não aguentava mais. Tinha a impressão de que iria enlouquecer. Pediu-me então que conseguisse uma maquina que fizesse o tempo passar bem de pressa. Então eu disse-lhe; senhor general, com todo o respeito que sua patente merece essa máquina não existe. A única coisa que faz o tempo passar depressa é TRABALHAR. Aí ele retrucou que então estava perdido, porque nunca fora ensinado a fazer isso.

Aqui acaba o relato do velho soldado ordenança. Não sei se isso é verdade. Não me responsabilizo se alguém sentir-se ofendido. Eu apenas transcrevi o que o velho soldado me contou há muitos séculos. Agora, que não ter o que fazer torna as horas intermináveis, isso torna. E mais, que fazer algo útil faz o tempo voar, isso faz.



O ultimo Guasca

Getulio Vargas Zauza

O velho rancho de pau-a-pique, coberto de capim rabo de burro defuntava há muitos anos á beira do corredor.

Próximo, há uns cem metros um resto de capão de mato testemunhava o que fora aquela região tempos atrás. Dentro uma vertente de água cristalina e não poluída, que ali não havia arribado a invasão dessa miséria que é a soja, com seu séquito de adubos, pesticidas, herbicidas..., que cria riqueza para uns poucos e fome para outros e mais doenças para todos. Pois não é que esse diabo de negócio veio emporcalhar os nossos rios que as tais indústrias já haviam emporcalhado bastante, que nem peixes existem mais e nem um vivente pode dar umas braceadas nesses rios que é capaz de sair só com o esqueleto limpito no más... Ali era só gado e ovelha. Coisa limpa, de gente limpa.

A vertente corria e formava logo mais a diante um filete de água, que a pouca distância se transformava em uma sanguinha.

Eu disse que o rancho defuntava, porque na verdade desde que fora erguido pelo velho Juvêncio, nunca recebera reparos. Ia se desgastando aos poucos pela ação inclemente do tempo.

O tempo não poupa nada de ninguém. Assim era que o rancho e o Juvêncio iam sendo corroídos impiedosamente corroídos por ele.

O rancho não ficava nas terras do corredor, não que naqueles dias não havia ainda dessas coisas. Estava dentro dos campos da Estância da Divina Providência, que pertencerá em outras épocas a um estancieiro à moda antiga, do tempo em que se pegavam as reses a unha.

Agora na verdade era uma Estância muito moderna, mas conservava ainda o mesmo nome. De antigamente, só restava mesmo o nome, o Juvêncio e o rancho, que os novos donos deixaram, em parte por

reliquia em parte por bondade. O nome, o Juvêncio e o velho rancho era uma lembrança física do passado, que eles gostavam de exibir aos amigos como uma verdadeira peça arqueológica. Mas era uma lembrança que só existiria enquanto o tempo permitisse. Enfim, o Tempo é o Grande Senhor da nossa pobre existência. Quando resolve que as coisas devem acabar, elas acabam e pronto Juvêncio nem a pálida sombra do guasca que fora noutra era.

Eu não preciso descrever essa figura de quando jovem, nem suas façanhas porque o leitor conhece muito bem como deve ser o mais perfeito acabado tipo do clássico gaúcho do pampa rio-grandense.

Juvêncio fora isso!

Agora, desde que a última Estância deixara de ser o que fora em tempos de antanho, Juvêncio já era a última reminiscência de um passado já desaparecido. E se Juvêncio e seu rancho eram esse último traço de um tipo de homem e de uma forma de vida cuja lembrança já se apagava na memória dos últimos remanescentes de épocas mais antigas ele mesmo já era um ser que vivia quase só de reminiscências.

Talvez pela idade avançada, pela solidão que vivia a muito tempo, o fato é que sem sua alma consciente, habitavam só as lembranças do passado mais remoto. E quanto mais antigas mais vivas elas iam se achegando em sua consciência de guasca encanecido.

Não que ele fosse caduco. Nada disso! Era de uma rapidez exatidão para rememorar os fatos, que até o mais sofisticado computador o invejaria, se computador pudesse ter inveja.

O fato é que sua mente estava sempre povoada com imagens e sentimentos relativos aos acontecimentos passados. Somente as coisas relativas às necessidades imediatas é que ocupavam sua mente como fatos do presente. O presente, é como se não existisse, além de fechar e saborear um bom palheiro, cevar o mate, fazer o fogo, botar chicolateira e esquentar a água e depois sentar-se na frente do rancho velho, saboreando o crioulo e o mate, ouvindo o mugir do gado, ou o balir de

algun cordeirinho procurando a mãe, ouvindo a algazarra do passaredo se recolhendo a copa das arvores ao entardecer. Mas tudo isso era apenas como pano de fundo para o ruminar das lembranças que vinham vivas, com mais força do que as emoções produzidas por fatos reais, quando aconteceram.

Sobre o futuro, nem falar. Isso não existia. Na verdade, Juvêncio já era um ser cuja existência acontecia, por assim dizer, fora do tempo.

Às vezes ouvia o relincho de um cavalo. Parecia ser do seu ultimo pingo. Então, sem se dar por mais aquela, saía porta a fora e ia até a beira do mato buscá-lo. Só então se dava por conta de que há muito tempo não havia mais cavalos nessas paragens, que agora as campereadas eram feitas em jipes e até numas geringonças esquisitas chamadas helicópteros, muito menos o seu alazão, que era chamado Príncipe.

Nessas ocasiões retornava ao pé do fogo sentindo saudade danada do Príncipe, que lhe dava um aperto desgranhado no peito, que quase o fazia chorar, não tivesse aprendido de piá, que homem não chora, certamente choraria. Pensava que, “talvez esse negócio de que homem não chora fosse uma grande besteira, pois porque então o homem ia sentir vontade de chorar, se não pode, mas o que fazer? Meteram-me isso na cabeça quando guri. Se pudesse chorar talvez fosse bom. Então quem sabe aliviaria essa dor maldita no peito, que aperta como mão de ferro, até estrangular a garganta.! Mas agora era tarde demais para mudar”.

O velho Juvêncio era um homem rude, sem estudo, que escola pra pobre nem se falava nesse tempo. Religião, como dizia, ele não tinha “que não era homem de chaleirar padre”.

Era cristão, não só porque fora batizado, mas porque tinha índole.

A verdade é que aquele homem rude vivia um espírito evoluído. Juvêncio, embora homem valente, jamais tivera encrencas em sua vida. Sempre fora pessoa estimada e respeitada por todos. Foi sempre dedicado ao trabalho e a ajudar qualquer vivente necessito. Era dotado de uma profunda religiosidade natural. Aprendera de guri a amar o Cristo e os



Santos por ter ouvido contar suas histórias, que só falavam de bondade e coragem como se encontram nesses cueras de agora.

Oração sim, ele sabia muitas. O Pai-Nosso, a Ave Maria, o Credo e muitas outras rezas para situações de perigo ou doenças. Mas o que ele, fazia mesmo, era “charlar com Deus, em suas próprias palavras”, como costumava dizer aos amigos.

De amores, não se sabia em sua vida, que não era de ficar se pacholeando. É possível que tenha amado alguma chinoca, mas casar, nunca casou, nem teve filhos espalhados por aí “que nem filhotes de perdiz como costumava fazer muito cuera irresponsável, que quem gera um filho, se é homem que se prese, não lhe nega proteção.”

Costumava dizer quando jovem, que todos os piazitos maltratados pelo destino eram como se fossem seus filhos. Sempre que podia ajudar algum que estivesse em necessidade, não perdia a ocasião.

Vivendo sozinho há tanto tempo, levava uma vida eremita.

Aconteceu que certa manhã, quando a barra do dia despontava no horizonte e o passaredo começava a despertar, Juvêncio acordou com o dia e com o passaredo. Normalmente Juvêncio acordava com apetite, mas antes de forrar o estomago, sempre sugava uma chicolateira bem cheia de chimarrão. Naquele dia ele acordou bem mais disposto e alegre que de costume. Sentia-se leve, feliz sem saber por quê. “também não vale a pena saber o porquê da felicidade. O bom é senti-la e pronto, que esse negócio de ficar matutando no por que das coisas é mais pra quem não pode ou não sabe sentir” pensou consigo mesmo.

Tomando seu mate, não sentiu fome. Começou a cortar um amarelinho pra fechar um crioulo, “que cigarro de papel não é coisa de gaúcho que se prese”, quando lembrou que aquele era o Dia da Paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Era Sexta-Feira Santa. Então pensou, “mas vem bem o propósito que não tenho fome. Assim já aproveito e faço um jejum, que além de ser uma penitencia que purifica sua alma, faz bem pro corpo”. E se assim pensou, assim fez.

Passou o dia mateando de vez em quando. Fumar, não fumou durante todo o dia, que não apeteceu.

Chegada à noite, acendeu o fogo de chão e se deixou ficar horas a fio encantado a olhar as chamas. Somente quando era necessário atizar o fogo é que saía daquele encantamento, para logo retornar a ele novamente.

Durante essas horas começou a repassar toda sua vida, que vinha surgindo em sua consciência nos menores detalhes.

Lá pelas tantas se recostou em sua tarimba, acomodou a cabeça sobre o velho serigote e dormiu profundamente.

Sábado de Aleluia foi para Juvêncio como o dia anterior, nada quis comer. Mateou apenas durante o dia. A diferença é que sentia mais leve. Era como se seu corpo tivesse perdido peso. Como se estivesse libertando-se da força da gravidade: Sentia-se como uma pluma flutuando estava muito mais feliz que no dia anterior. Dessa forma passou o sábado de Aleluia, um dia de céu, esplendorosamente azul, e um sol de ouro puro. Chegou a noite e com ela recomeçou o mesmo processo do dia anterior. Continuou o seu encanto na labareda do fogo de chão. Somente agora suas lembranças eram suas representações mentais. Num dado momento a luz das chamas encheu todo o ambiente do acanhado rancho, como se o próprio Sol tivesse entrado ali, e Juvêncio mergulhado naquele mar de luz, que parecia ter feito desaparecer paredes e teto, via sua própria vida de novo ante seus olhos.

Ficou assim até que o sono o recolheu a seu velho catre. Dormiu profundo sem sonhos. De manhã estava na mesma posição em que se deitara.

“Domingo de Páscoa”. Foi a exclamação ao acordar, desta feita um pouco mais tarde que na manhã do dia anterior. Quando acordou, já o passaredo contava em plenos pulmões, como também quisesse saudar a Ressurreição do Nosso Senhor Jesus Cristo.



“Que alegria”, exclamou. Levantou-se de seu catre sentindo-se maravilhosamente bem. Feliz. Como em todos os dias de sua vida, cumpriu o seu ritual costumeiro. Lavou o rosto na sanga. Acendeu fogo. Aqueceu água na velha chicolateira. Cevou o mate e como se fosse uma manhã quente, foi sentar-se à frente do rancho ali deixou ficar mateando até que acabou a água.

O resto do dia passou revendo e arrumando alguns pertences que possuía. Caminhou pelas redondezas. Examinou detidamente cada lugar, cada árvore mais significativa. Observou animais silvestres e pássaros, que hoje chegavam tão perto dele, que até poderia pega-los com a mão. Eles pareciam não ter o mínimo receio e até mesmo ficavam olhando para Juvêncio como se quisessem anunciar-lhe alguma boa nova.

Tudo examinado, tudo revisado, chegou o entardecer. E como nada mais houvesse a fazer, pôs água aquecer, cevou o mate com a última cevadura de erva, fechou um crioulo, com o resto de fumo que havia e foi sentar-se a frente do rancho. Sorveu todo o mate. Fumou todo o palheiro, enquanto o sol ia descambando no horizonte. Limpou a cuia e a velha bomba e colocou nos velhos “pessuelos”, junto com outras “reliquias”, que conservara consigo dos tempos de moço. Olhou demoradamente para o velho serigote e os pelegos sobre o catre. Depois dependurou o trempe num gancho na parede, atirou os “pessuelos” sobre o ombro e saiu do rancho. Fechou a porta. Deu uma volta demorada ao redor do rancho examinando detalhe por detalhe como se desejasse fixar eternamente aquela imagem: o rancho que o abrigou tanto tempo, um palanque de cerne de guajuvira onde amarrava o pingo, dois cinamomos copados que ali estavam há anos como duas testemunhas silentes. Afastou-se do rancho e cruzou a cerca de arame. Entrou na estrada poeirenta e reta que seguia na direção do sol poente. Não olhou para traz. Seguiu estrada a fora em passo lento como quem não tem pressa e sabe o tempo exato que precisa chegar aonde tem o encontro marcado.

Ao longe a estrada se inclinava numa canhada, tinha-se a impressão, a essa hora, que ela terminava, não ali naquele lugar, mas era

como se desembocasse exatamente dentro do sol, que no horizonte parecia muito aumentado de tamanho e envolto a imensas labaredas.

Juvêncio caminhou lentamente e sua silhueta envolta na poeira levantada por seus pés, que de tão velho já os arrastava ao andar, parecia um boi-tá-tá, ou talvez, melhor dizendo, Sarsa ardente que apareceu para Moises, aquele que recebeu Dez Promessas que os homens chamam de Mandamentos no deserto sabe a Sarsa envolta em chamas. Nesse momento Juvêncio chegava exatamente ao ponto em que a estrada começava a descer a canhada. Parou um instante e como se a abençoar a terra elevou os dois braços ao alto, ou então, como se quisesse abraçar aquele disco de ouro em chamas à sua frente e assim todo ele se fundiu com a poeira e com o Sol formando uma unidade esplendorosa.

Um viajante que vinha logo atrás observou esse quadro e disse-me que nesse momento teve a impressão de que o velho Juvêncio havia penetrado no próprio sol. E como estivesse perto acelerou o seu carro na tentativa de alcançá-lo, pois ficara intrigado com a impressão que tivera, mas ao chegar no ponto onde Juvêncio havia parado, não encontrou nenhum sinal do velho guasca, nem de seus pertences. Por mais que procurasse, nada pode ver. Embora o terreno em volta fosse de campo muito limpo numa grande extensão.

Contou-me o viajante que ao retornar ao seu carro, teve a nítida impressão de ouvir uma canção que em coro dava as Boas-Vindas a Juvêncio e que parecia vir da direção do sol.

O viajante não podia lembrar exatamente das palavras, mas elas diziam mais ou menos isto:

“Nós te saudamos, ó velho Juvêncio,
Gaúcho taura, último da honrada estirpe
Que o pampa antigo habitou.
Nós te acolhemos em nosso seio
Com honras e com amor.



Tu soubeste honrar
O santo nome Gaúcho
Que dos antepassados herdou.

Recebe nossas Boas-Vindas
E vai te achegando, irmão.
Senta aqui nesta roda
Entre os que são teus iguais.
Logo virá o mate, que é seiva,
Que é vida, e que é nossa comunhão”

Em voz tonitroante
Disse-lhe o Pai-Grande do Céu:

“Tu és Juvêncio, meu último filho guasca
Há quem muito amei.
Eu tenho para sempre resgatado,
Tu, que sempre soubeste
Com tamanha dedicação
Cumprir tua tarefa
E dar testemunho da MINHA LEI,
Senta-se, pois, aqui ao Meu Lado!



GUSTAVO PIMENTAL³

Suave Amiga

Senti a umidade quente da língua dela a percorrer meu ouvido. Conhecia o íntimo de cada recanto. Seu hálito tinha o cheiro e o sabor de grama após a chuva. Lentamente desceu pelo meu pescoço. Minha pele arrepiou, principalmente nas costas, ao toque dos lábios dela suavemente mapeando minha nuca. Eu estava sentado em uma grande poltrona estofada com um tecido que não conhecia. Era couro? Talvez, mas muito diferente daquele que conhecia, mas era de um conforto entorpecente. Se a moça não estivesse ali, somente aquela poltrona abraçando meu corpo já me traria prazer. Ao fundo tocava uma música com uma melodia muito harmoniosa tocada por piano e violino, mas, não soube de onde ela vinha, não vi nenhum aparelho ou caixas de som no lugar. Aliás, tudo aquilo era desconhecido para mim, desde a mulher, o quarto, e especialmente, de como havia chegado ali.

Ela estava sentada no meu colo, de frete pra mim, suas pernas envoltas no meu quadril. Enquanto ela continuava, com lábios mágicos a massagear com beijos quentes meu pescoço, seu corpo junto ao meu, como se fôssemos um, suavemente empurrei seus cabelos, de uma cor indefinida, só sei que eram claros, que se derramavam e escondiam seu rosto, que logo que vi me pareceu perfeito. Neste momento, sem parar de me beijar, ela olhou para mim e então pude ver seus olhos de um azul

³ Caros amigos: Não sei se posso me chamar de escritor. Antes de tudo, sou um avido leitor. Gosto muito de literatura, quando entro em uma livraria, tenho sempre que comprar pelo menos um livro. Gosto muito do gênero policial, muitos acreditam que este gênero é um subgênero, contudo, discordo de quem tem tal opinião.

puxando para escuro, cor de tempestade, quase cinzas, profundos, enigmáticos, hipnotizantes.

As paredes do quarto eram muito brancas, ardentes ao olhar, e sob meus pés um tapete vermelho, felpudo, que senti entre meus dedos. O vermelho era a única cor que contrastava com a brancura toda, parecia até uma transgressão. De um lado uma cama muito grande, convidativa, parecendo muito confortável em lençóis de seda, e em sua frente um janelão, do chão ao teto, estava aberto. Por ele entrava uma brisa fresca e gostosa. De repente abri os olhos, e de onde eu estava pude ver copa de árvores, estávamos em andares superiores desta construção, e ao término deste conjunto de árvores um gramado verde-claro em um terreno com leve declive, que terminava abruptamente em um penhasco, onde o mar se descortinava em imensidão, de um azul cristalino, e ondas que quebravam contra rochedos. Gaivotas planavam no céu sem nuvens, imaculado.

Ela colocou as mãos no meu peito, levantou-se do meu colo, me pegou pelas mãos e me dirigiu para a cama. Ela estava somente de lingerie. Uma rendada de cor clara como sua pele, elegante. Seu corpo era lindo, nada comparado com aquelas mulheres, “artistas”, que se vê semanalmente nas tardes dominicais em algum programa de TV. Ela era proporcional, nos mínimos detalhes, e nas medidas exatas. Ela caminhando na minha frente não resisti e passei quase como uma travessura, as pontas dos meus dedos nas suas costas, ela suspirou e olhou para trás, para mim, e um meio sorriso se formou em seus lábios, e, então, percebi que o tecido da poltrona era do mesmo material, mesma textura, da pele dela. Estranho? Para mim era muito, mas, aquele momento não se deveria deixá-lo apenas por achá-lo estranho, deveria desfrutá-lo como o último.

Após ela tirar delicadamente a lingerie, enquanto me olhava nos olhos, fizemos amor. Simples e absoluto. Calmo e vívido. Apaixonado e ardente. Foi como estivesse despencando no infinito, ou do penhasco que sabia estar ao alcance dos meus olhos. A sensação que me invadiu nunca

sentira antes. Ela tinha meu coração e minha alma nas mãos, e queria que ela os mastigasse para guardá-los para sempre no seu interior. Era somente isso que queria naquele momento, nunca sair dela. Se onde estava era o céu ou inferno não me importava, queria que aquele momento fosse o mais intenso e prolongado possível, até quase nunca acabá-lo. Poderia ficar ali para sempre, percorrendo cada centímetro do corpo dela por todo um ano ou por toda uma vida.

Quando entrei nesta experiência estava como estive como quando tinha vinte e cinco anos de idade. Corpo bem feito, pele bronzeada pelo sol, morena, com uma vasta cabeleira negra ondulando na testa, segura por brilhantina, o bigode continuava lá. Agora, porém, estou velho, deitado na minha cama, minha companheira por tantos e tantos anos, estes derradeiros anos que me restam. Fui consumido pela vida, mas, também, não posso reclamar, também consumi a vida de outros. Para desfrutar bem minha vida, confesso, suguei a vida de muitos, e dessa forma, posso dizer, que ela foi generosa comigo. O dinheiro e o prazer caminharam sempre ao meu lado, e os considero meus reais amigos. Nunca me abandonaram e nunca me criticaram.

Alguns em seu leito de morte sonham, ou vivenciam como foi meu caso, com os familiares, com a esposa, filhos, pais. Outros com o trabalho, imaginando que estão atrás de suas mesas cheias de papéis, com telefones tocando por todos os lados, comandando pessoas com ordens ríspidas. Outros, ainda, sonham com seus times de futebol, que estão nas arquibancadas de um estádio vibrando por um gol. Mas eu, por outro lado, como não tive esposa e filhos e não fui ligado aos meus pais; meu trabalho de longe era estressante e sempre o fiz sozinho; meu time de futebol, assim como a minha religião, é eu mesmo, não acredito em futebol e muito menos em religião como eles estão definidos em dicionários; sonho, agora em que a morte está próxima, com mulheres.

Não sei ao certo a razão que sonho com elas. Talvez porque tive muitas delas, cada uma ao seu jeito, com suas manias e posicionamentos

frente a vida, mas nenhuma por muito tempo. Contudo, nenhuma era parecida com aquela do meu sonho. Nem de perto.

Mas, agora sei que aquela moça não era nenhum anjo, e aquele lugar que estive não era o paraíso, mas sim, um presente que a morte me brindou, já que agora ela me carrega em seus braços, e seus braços são doces e belos como a da moça.



A Selva

Gustavo Pimentel

Genésio. Esse era seu nome. Genésio. Genésio. Genésio. Podemos repetir este nome mil vezes e, em todas as ocasiões temos a impressão que a pessoa que o carrega é uma pessoa sofrida ou ferida pela vida, como se tivesse sido carimbada ao nascer. Genésio. O Genésio dos Santos vigia noturno de um supermercado do centro da cidade, era este tipo de pessoa. Uma pessoa sofrida, mas, acima de tudo lutadora. Este pobre diabo levou tantas porradas da vida que não se sabia o porquê que ele continuava a vivê-la, insistindo em levantar todo dia, e transcorrê-lo, aos trancos-e-barrancos. Se sua vida estivesse encarnada em outra pessoa, talvez esta já tivesse desistido de vivê-la. “Meu Deus, não deu mais para aguentar. Receba-me novamente contigo, não suporto mais o dom que me deste. O dom de respirar e caminhar entre os meus semelhantes. Abra teus braços que estou chegando.”

Assim como em muitas tardinhas de sua vida, naquele dia, Genésio desceu o morro onde morava e se encaminhou para mais um dia de trabalho. Para chegar lá tinha de caminhar três quarteirões até uma parada de ônibus, para, trinta minutos depois, espremido, chegar na estação do metrô e, somente então, junto de outros coitados assalariados como ele, dentro de um vagão, olhando as paredes escuras que passavam a toda velocidade, desfiaria seu sofrimento, se chacoalhando diante das curvas dos trilhos por dez estações e, ia cumprir mais uma jornada de labuta no centro da cidade.

Eram dias difíceis aqueles para Genésio, apesar de que, nunca teve algum fácil. Por inúmeras vezes tinha pensado em voltar a morar no interior, trabalhar como empregado em alguma fazenda, assim como já haviam feito seus pais. Mas logo se lembrava de seus dois filhos. Não

podia deixar que os dois abandonassem a escola e não tivessem nenhum estudo, como ele e sua esposa. Não queria ver Joana, de nove anos, e Fábio, de onze, tendo uma infância como a dele, uma infância vivida no cabo da enxada, recebendo ordens de patrões tiranos, como se estivessem na época da escravatura.

Realmente eram dias difíceis. Ao deixar seu barraco, instalado perigosamente a poucos graus dos noventa, em uma favela dominada por traficantes, beijou Anita nos lábios, Joana e Fábio na testa, e tocou o rosto enrugado de Dona Binha, sua sogra, e, já quase ao pé do morro, encontrou Juninho e seus “lambe sacos”.

- Daí Genésio? Como vão as coisas?

- Tudo bem Juninho. Vai se levando. - Juninho era amigo de Genésio desde antes da adolescência. Cresceram juntos, só que Juninho tomou um caminho diferente. Agora ele era “capitão” do tráfico. Assim como seria Genésio se tivesse aceitado a proposta muitos anos atrás.

- Como está o Fabinho?

- O Fábio está crescendo rápido. Hoje comemoramos o aniversário dele. Onze anos.

- Onze anos? Puta merda. O moleque tá crescendo mesmo. Vou passar lá e deixar um presente pra ele. - Na cintura de Juninho podia-se ver uma pistola. Ele a deixava a mostra de propósito. Tinha um posto e uma reputação a zelar. Faria de tudo para mantê-los.

- Não se incomode Juninho.

- Faço questão. O moleque não é filho de um amigo de infância? - O malandro falou abrindo os braços, em meio a uma voz cantada, como se tivesse grande intimidade com Genésio, gingando como um “joão-bobo”.

- Sim.

- Então. Deixe de frescura irmão. Vou levar um presente pro moleque.
- Eu disse não, Juninho! Deixe o garoto quieto.
- Sempre gostei de ti Genésio. Tu sabe que sempre fui teu amigo. Porque esta repulsa para cima de mim? - Juninho foi em direção de Genésio, gingando ainda e com um sorriso nos lábios.
- Não chegue perto do garoto Juninho. Tô te avisando. - Juninho fechou o sorriso. Os capangas que estavam com ele, cada um com um fuzil, se mexeram diante as palavras de Genésio. Aquele desrespeito não era tolerado naquele morro, mas Juninho aquietou seus “cães” com um sinal de mãos.

Genésio virou as costas para Juninho e sua corja e ao continuar a descer à ladeira as lágrimas lhe vieram aos olhos e escorreram pelo rosto. Tinha, com muito sacrifício, comprado um tênis para Fabinho em seu aniversário. O primeiro calçado novo do garoto após dois anos e meio. O tênis não era um presente, mas sim uma necessidade. Uma necessidade cara para seu padrão, mas, que o fez esquecer o dinheiro gasto quando seu filho abriu o pacote. Quando o garoto calçou o tênis, de imediato, um sorriso formou-se em seus lábios da largura do calçado. A felicidade do menino emanou e escapou aos limites do barraco. Aquele momento tinha sido lindo. A família reunida, em baixo do bico de luz na mesa da cozinha, que era conjugada com a sala, onde, também, dormiam Dona Binha e Joana, o único quarto restante era para o casal e Juninho, comeram um pequeno quadrado de pão-de-ló com uma cobertura de um lambuzo de açúcar misturado com água.

Quase ao final do seu expediente, ao contornar um dos cantos do supermercado, Genésio notou no interior do caixa eletrônico de um banco, que ficava no estacionamento, que algo estava errado. Um rapaz empurrava de forma violenta uma moça no interior da cabine, e ela chorava e tremia. Chegou próximo da porta do caixa, pegou seu cassetete, já que arma de fogo lhe foi negada, e assim que perguntou o que estava

acontecendo ali, o rapaz virou-se para ele e lhe apontou o cano de um revólver. Estava em curso um sequestro relâmpago.

- De joelhos no chão, seu merda. Rápido. De joelhos se não mato essa vagabunda. - Diante destas palavras a moça deu um grito e passou a chorar com mais intensidade.

Genésio obedeceu. O rapaz, então, começou a gritar com a moça para que ela se apurasse, mas ela, desesperada que estava não conseguia teclar os números do painel do caixa eletrônico. Após alguns minutos de tensão, o assaltante conseguiu o que queria, jogou a moça no piso da cabine e saiu, correu pelo estacionamento, para logo depois ganhar a rua e desaparecer na madrugada, mas sem antes, dar um presente a Genésio. Com a lateral da arma bateu em seu rosto fazendo com que seu lábio, carnudo por natureza, dobrasse de tamanho.

Genésio, enquanto ajudava a moça a se levantar, com o rádio que tinha preso na cintura, em baixo de sua camisa, chamou seu colega, que fazia a ronda do outro lado do supermercado, e pediu a ele que chamasse a polícia.

A moça não tinha parado de chorar um segundo sequer. Até na delegacia, onde prestou depoimento, ela continuava com o choro. Genésio também foi conduzido para a delegacia, mas ainda se recobrava do susto que o policial lhe deu ao deixar a viatura.

- Fique quieto seu filho da puta. - O fardado apontou a pistola para Genésio, que estava sentado em um degrau de concreto do estacionamento, com um pedaço de papel higiênico no lábio tentando estancar o sangramento, e foi o seu colega segurança do supermercado com o cassetete na mão, que disse...

- Não foi ele chefe. Fiquem calmos. Ele é meu colega. O assaltante já fugiu.

A moça, sentada ao lado de Genésio no interior da viatura, se encolheu próximo a janela do carro, talvez com medo da cor de Genésio,

que era negro, ou nojo, pelo sangue que escorria dos lábios daquela pessoa tão parecida com aquela que lhe ameaçou com uma arma há poucos minutos atrás, ou ainda, receio em sujar a sua preciosa roupa de “patricinha”.

A noite que começara tão perfeita tinha se transformado em um inferno. Esse era o pensamento de Genésio quando desembarcou do metrô. Mais uma jornada de trabalho impresso no seu cartão ponto, somente queria que aquele dia terminasse logo. Chegou na sua parada de ônibus, passou reto, nem olhou para as pessoas em pé ali paradas com seus rostos de estátuas, petrificadas, cinzas, a fitar o nada, esperando que um milagre acontecesse em suas miseráveis vidas.

Debruçado no parapeito de uma ponte que tinha que atravessar para chegar no morro onde morava, Genésio chorava era de raiva. Olhou o córrego deslizando leito abaixo, local onde suas lágrimas se misturavam com a água suja. Em um ato inesperado até para ele próprio, subiu no parapeito da ponte ficando em pé. Olhou ao longe e podia ver a favela onde estavam dormindo sua linda família. Matar-se-ia. Tiraria sua própria vida naquele momento. Naquele pedaço imundo e esquecido da cidade. Jogar-se-ia no riacho que corria logo ali. Tinha cansado de sua pobre vida. Se não morresse afogado, já que não sabia nadar, pegaria uma infecção na água poluída. Aquele seria seu fim.

Jogou-se.

O máximo que conseguiu se molhar foi até o meio das coxas. A merda do riacho não tinha fundura suficiente. Até morrer era difícil na vida de Genésio. Arrastou-se até a margem, onde crescia um mato alto. Deitou-se de costas no chão e olhou para o céu sem lua e estrelas. A escuridão era total. Ao menos ninguém tinha visto seu fiasco de suicídio. Então pensou na bobagem que queria fazer. Pensou na sua família sem ele, sem sua presença. Odiou-se por estar ali. Foi então que escutou vozes de pessoas próximas. Olhou em direção do som. Dois homens estavam embaixo da ponte, cada um com uma pá, começavam a cavar um buraco no chão. Eles não viram Genésio deitado entre o mato.

Alguns minutos depois os dois homens colocaram duas volumosas sacolas de lona no interior do buraco, para logo depois o tamparem. Olharam para os lados para ver se não havia ninguém por perto e foram embora. Genésio ouviu pneus de carro cantando.

Teria coragem de fazer o que estava pensando? Chegaria perto daquele local? Escutou seu coração batendo forte dentro da caixa do peito, deitado naquela escuridão. A terra estava fofa, não foi difícil desenterrar as duas sacolas, que agora estavam a seus pés, se as abrisse não teria volta. A tentação foi mais forte, às abriu, mesmo sabendo que as consequências de seu ato não seriam boas.

Dinheiro. Muito dinheiro. Milhares ali aos seus pés. Seu milagre havia chegado.

Genésio aproveitou a escuridão que persistia e nos ombros carregou as sacolas para seu barraco. Não encontrou ninguém nas vielas sinuosas ou nas ladeiras do morro. Entrou correndo em casa e foi direto para o banheiro. Subiu no vaso e abriu o alçapão do forro do teto que ficava ali. Foi para cama todo suado e esbaforido, quase sem ar. Deitou-se ao lado de Anita que acordada perguntou.

- O que houve homem? Fale. Aconteceu alguma coisa? - O mudo ao seu lado arfava. - Você está me deixando com medo. Fale o que aconteceu.

Então sussurrando ao ouvido de Anita, Genésio contou tudo, desde o princípio.

Genésio não conseguiu dormir um minuto sequer. Assim que as crianças saíram para ir à escola levantou-se. Anita estava de cara amarrada, achou errado o que o marido havia feito. Para Genésio, aquele dinheiro seria o passaporte para sair daquela favela e de sua vida miserável. Já havia feito infundáveis cálculos e planos em onde aplicar aquela bolada que havia lhe caído no colo. Adeus vida desgraçada.

Sentou-se junto a mesa da cozinha. Anita colocou a sua frente uma caneca fumegante de café preto.

- Não quero saber deste dinheiro homem. Devolva.

- Tu sabe quanto de dinheiro que tem naquelas sacolas? Eu nunca vi tanto dinheiro junto Anita. Sabe o que ele pode fazer para a nossa família? Para as crianças? Pode mudar nossas vidas.

- Tu não sabe de onde veio este dinheiro homem. Quem sabe é dinheiro de drogas, do tráfico.

- Por isso mesmo que será aplicado em coisas boas.

- Não quero saber Genésio. Devolva.

O casal fez silêncio porque Dona Binha havia saído do banheiro e juntava-se a eles na cozinha. A velha senhora deu bom dia e, como de costume, ligou o pequeno rádio a pilhas que ficava em cima da geladeira. A voz do locutor, cheio de estática, inundou o aposento. Era hora do noticiário que não encontrou nenhum ouvido atento, a não ser o de Dona Binha. Até que uma notícia, minutos depois, fazer as cabeças do casal virarem em direção o rádio. - *“... o show beneficente que vários artistas fizeram na noite anterior para arrecadar fundos para instituições carentes das favelas da cidade foi roubado. Dois elementos encapuzados e fortemente armados renderam os organizadores do show que deixavam o local com o dinheiro arrecado, nas bilheterias e por doações, roubando-os. O valor roubado estima-se em torno de cem mil reais. O presidente da câmara de vereadores, o vereador Nicolau, principal articulador e facilitador do evento lamentou profundamente o ocorrido e diz que confia na polícia para capturar os autores do delito,...”*.

Anita neste momento olhou para Genésio com a cara mais fechada ainda. Genésio, por sua vez, olhou para ela como se dissesse “vou resolver”.

Genésio catou as duas bolsas do forro da casa, às colocou nos ombros e saiu do barraco.

- Então Mariovaldo. Cadê a porra do meu dinheiro?
- Não sei ainda vereador Nicolau. Estamos tentando localizá-lo.
- Não é tentar Mariovaldo, é encontrar. Eu quero a porra do meu dinheiro. Os outros vereadores já estão me pressionando.
- Eu sei vereador.
- E os dois quadrupedes que tu contratou para nos roubar ontem?
- Eles disseram que fizeram tudo como o planejado.
- Eles não se confundiram de local e enterram o dinheiro embaixo de outra ponte?
- Não vereador. Eu mesmo os levei lá para mostrar onde deveriam enterrar as bolsas.
- Merda Mariovaldo. Será que estes caras não estão nos passando a perna?
- Não vereador. Eles são da minha confiança. Eles já trabalham para mim faz tempo.
- Então limpe esta merda. Eu quero meu dinheiro até a noite.

E no noticiário do final de tarde: “... hoje dezenas de instituições carentes, entre elas escolas, creches e asilos, tiveram uma surpresa logo pela manhã. Uma boa surpresa. Um bom coração, um bom samaritano, deixou, enrolado em folhas de jornal, pilhas de dinheiro na caixa de correio

ou na porta destas instituições, que tanto precisam de caridade. As autoridades dizem que tal dinheiro pode se tratar do dinheiro roubado dos organizadores do show beneficente realizado ontem, mas agora, eles estão em boas mãos e que farão bom uso...”



O ócio

Gustavo Pimentel

“Paciência Spider” é uma merda, vicia mais que cocaína. Colocarei na minha agenda, hoje mesmo, em letras garrafais, “falar com Bill Gates ou qualquer outro figurão responsável por este maldito jogo, para retirar esta praga do ar”. Fiquei a tarde inteira mastigando este infundável chiclete, que agora tem gosto de chulé, sem fazer nada, a não ser, é claro, ficar em frente ao “Spider” com suas cartas mágicas, hipnóticas. Apesar de que, não fazer nada é o resumo de minha vida. Minha miserável existência, neste planeta azul. Planeta azul como dissera um certo astronauta russo, como é nome dele..., não aquele que foi para a lua, aquele é americano..., sei que começa com G. Putz esqueci.

A vida passando por uma bela rua, bem arborizada sob um céu de imenso azul, ladeada por grandes casas com gramados impecáveis que descaem em calçadas onde crianças andam de bicicleta e outras correm carregando balões coloridos, perseguidas por cachorrinhos e, carros novos com suas pinturas metálicas brilhando, deslizando sobre um pavimento perfeito. E, eu, vendo tudo isso através de uma janela. Vendo a vida passar defrente de meus olhos, atrás da vidraça encardida de gordura e merda de moscas da janela.

Por falar em janela, através dessa do meu quarto, no décimo andar de um edifício vagabundo e decadente, onde moro com minha mãe, posso ver o prédio em frente. Aliás, não é um prédio, é praticamente um palacete, onde vivem ricos e abastados, local que só chegarei, no máximo, para passar um pano no chão ou para fazer alguma manutenção. É dessa mesma janela que, quase diariamente, observo, em um misto de raiva e inveja, o escroto do dono do apartamento que fica no mesmo nível do nosso, esbanjar sua riqueza com festas, amigos igualmente ricos e inúteis,



e mulheres, belíssimas jovens mulheres com suas cabeleiras esvoaçantes e roupas de grife, exalando libido e sensualidade em cima de seus sapatos de salto altos.

O nome do desgraçado é Ricardo Gardin. Sei disso porque o verme é uma personalidade da cidade, sempre resplandecendo pelo efeito dos holofotes da mídia. Péra aí. Gardin. Gardin. Agora me lembrei do nome do astronauta. Gagarin. A porra do nome é Gagarin. Aquele que disse que a terra é azul. Mas, deixando de pensar no astronauta e voltando a pensar em Gardin e seu sorriso de modelo de pasta de dentes, brilhando nas colunas sociais, me fez lembrar que as mulheres com quem ele se encontra no apartamento não se parecem em nada com aquela que aparece com ele nas fotografias dos jornais, aquela, como é escrito abaixo de cada retrato, “Ricardo Gardin e esposa, encantadores como nunca no baile das debutantes do Clube Jovens Vagabundas”.

Isso me deu uma ideia. Onde está a merda do guia telefônico? Aqui. Páginas amarelas. Onde..., onde..., onde..., aqui. Encontrei. “Compra, venda e aluguel de equipamentos eletrônicos, som e imagem”.

Me deu mais raiva do Ricardo, o ônibus que peguei pra chegar na loja estava apinhado de gente. Gente pobre, fedidas de um dia duro de trabalho, uns coitados de dar dó. Mas, afinal, porque a repulsa? Não estava junto da minha gente? Sim, estava. Era horrível admitir. Aquelas pessoas eram o meu tipo de gente. Uns fofos como eu.

Olhei três vezes para o papel onde tinha escrito o endereço da loja. Estava parado em frete de uma casa velha sem letreiro ou indicação de que houvesse algum comércio ali. Uma pequena porta aberta na lateral da casa era o único indicativo de que havia vida naquele local. Entrei e uma quinquilharia de objetos abriu-se na minha frente. Era um entulho de televisores, videocassetes, aparelhos de DVDs de um lado, brinquedos do outro, eletrodomésticos, máquinas fotográficas e filmadoras, como se tivesse passado um Godzilla por ali e, com sua delicadeza, disposto tudo a sua maneira.



- Olá? - Nada.
- Olá? - Nada.

De repente, passando por uma cortina de miçangas, que fazia as vezes de porta em uma abertura que dava para outro cômodo, surgiu uma figura diminuta, com uma camisa de seda listrada de marrom, bege e outros tons afins, desabotoada até o peito, onde, da abertura saía tufos de pelos pretos e, de onde era possível ver uma grossa corrente dourada. Seu rosto moreno composto de um bigode fino que contrastava com uma grossa suíça que invadia suas bochechas, sorriu com toda a capacidade de abertura da boca, por onde saiu um: - Em que posso ajudar, véio?

- Quero alugar uma filmadora. daquelas potentes. Sabe aquelas da Globo, com lentes que filmam as pessoas de longe?

- Sei sim. Essas são mais caras.
- Não tem problema. Dinheiro não é problema.
- Beleza véio. - O sujeito passou pela abertura de onde veio, fazendo tilintar as miçangas, e logo retornou com o equipamento na mão. O colocou em cima do balcão e disse: - É essa belezura que tu esta querendo.

Para mim, aquela “belezura” parecia mesmo se tratar de uma câmera que pudesse captar à longa distância, apesar de estar meio esfolada e com uns adesivos bagaceiros.

- Ela filma mesmo a longa distância?
- Claro, véio. Tu pode filmar o cu de um passarinho piscando a dois quarteirões de distância. Acredite em mim.
- Quanto é o aluguel por um dia?
- Duzentos.
- Duzentos? Mas que merda, tenho só trinta e cinco. - Não achei que sairia tão caro assim. Juntei com dificuldade minhas economias,

que não eram muitas, já que no dia anterior tinha gastado uma boa parte comprado uma porrada de gibis.

▪ Só trinta e cinco? Infelizmente não vai dar negócio véio. - O sujeito começava a retirar a filmadora de cima do balcão.

▪ Péra aí. Eu pago o restante quando devolver a máquina.

O sujeitinho me olhou de cima a baixo se como aquilo avaliasse a veracidade do que eu havia acabado de falar.

▪ Fininho? Fininho vem aqui. - Ele afastou as miçangas e gritou para o interior do cômodo.

Fininho? Fininho? Que porra de apelido é esse? Deve ser um raquítico de um passa fome que vai vir para me ameaçar dizendo que irá me quebrar e chupar meus ossos por inteiro se eu não devolver a filmadora. Mas quem passou pela porta de miçangas, ou melhor, “o que” passou pela abertura teve que se curvar, quase se agachar. O animal tinha a cabeça raspada, do tamanho da cabeça de um touro. Atrás, na sua nuca, havia três dobras de couro sobrando, já que os músculos dos ombros e costas empurraram a pele que se acumulou ali, parecendo que Fininho não tinha pescoço. Seu tronco era quase da largura de um carro, os braços tatuados sustentavam calombos do tamanho das pernas do Roberto Carlos, aquele baixinho que jogou na seleção campeã em 2002, e mãos que se agarrassem minha cabeça, a explodiriam como um melão maduro.

▪ Fininho, este cara quer levar a câmera, mas só tem trinta e cinco. Ele disse que vai pagar o restante quando devolver. O que tu acha?

▪ Se não pagar eu vou quebrar e chupar os ossos dele por inteiro.

Antes de deixar aquela espelunca tive que deixar minha carteira de identidade e soletrar meu endereço, para que Fininho anotasse em uma caderneta.



Voltei para meu quarto. Meu decrepito santuário. Peguei uma mesa ajeitei na frente da janela, posicionei a câmera em cima dela, liguei e, pelo visor, direcionei a lente para o apartamento do Ricardo. E não é que a porra da filmadora captava imagens muito boas do interior do apartamento que ficava do outro lado da rua. Então agora era só esperar.

Começava a cair a noite quando as luzes do apartamento do Ricardo se acenderam. Pela janela notei que Ricardo estava em companhia de uma figura feminina. Corri para a câmera e dei um zoom onde consegui enxergar até uma cárie no molar do Ricardo. A mulher estava de costas, não pude ver de imediato o rosto dela.

Era só o sexo entre eles começar que filmaria aquela bunda branca dele subindo e descendo. Não esqueceria também de filmar o rosto daquela vagabunda. Se ele não pagar o que vou exigir, entregarei a fita para a sua esposa. Dois mil? Acho que é pouco. Quem sabe três? Pouco ainda. Cinco? É. Cinco é quanto vou pedir para o calhorda.

De repente, o que me deu foi uma taquicardia, ou seria uma embolia, ou ainda, uma hemorragia, ou as três coisas juntas, ou, outra "ia" qualquer dos infernos. Era praticamente uma convulsão. Meu corpo se debatia em desespero e raiva!

A mulher que o zoom captou, quando ela se virou, era minha mãe. A minha imaculada mãe, que eu acreditava que a única vez que tinha feito sexo na vida foi para me gerar. A dor no peito só aumentou quando o escroto fechou as cortinas impossibilitando que eu visse o que se passava no interior do apartamento.

Quando meu pai ainda era vivo, morávamos em uma casa. Nós tínhamos um cachorro, um rottweiler, que até lembrava o Fininho, que nós havíamos ganho quando ele era ainda filhotinho. Meu pai construiu um canil, se é que podia chamar aquilo de canil, um local cimentado de dois por dois metros. O bicho começou a crescer e aquele espaço minúsculo o deixou louco. Andava de um lado para o outro, babando de raiva, rosnando para qualquer um que chegasse perto. Agora eu entendia o

Devil, como era chamado o rottweiler. Naquele quarto, eu também babava de raiva, andando em círculos, poderia matar alguém que chegasse perto neste momento, principalmente, o escroto do Ricardo.

Minha mãe não era feia, longe disso, ela tinha trinta e oito anos, se cuidava na comida, tinha uma bicicleta ergométrica e fazia Pilates. Como os gaiatos diziam, era uma “coroa” gostosa. Um colega da escola certa vez insinuou que ele só ia na minha casa por causa da minha mãe, para vê-la em trajes que se usa quando somente estamos no recanto do lar. Deixei o rosto deste colega com três olhos. Bem entre os dois já existentes, na sua testa, com um belo soco, entalhei o terceiro.

Cego que estava, vendo tudo em vermelho sangue, dei um chute na mesa que apoiava a câmera, que ondulou por alguns instantes, impanando perigosamente em direção à janela, por onde deslizou dez andares abaixo.

Já podia sentir meus ossos quebrados e chupados por inteiro por Fininho. Pelo naipe do dono da loja e do seu guarda-costas, se eu saísse vivo após nossa transação comercial, eu ficaria no lucro. Saí do meu quarto empurrando tudo pela frente, sem esperar o elevador, descí pelas escadas pulando os degraus de dois e dois, na esperança de que a câmera estivesse ainda em boas condições. Era nisso que eu queria muito acreditar, mas sabia se tratar de uma utopia. Só se um bando de anjos, de asinhas brancas e panos brancos envoltos das cinturas, escondendo, é claro, seus sexos, tivessem olhado para mim e segurado a câmera no ar e a colocado no chão suavemente. Chegando no local onde a máquina caiu, vi que a porra dos anjinhos, o máximo que fizeram, foi se mijarem de rir de minha cara de paspalho que devia estar fazendo naquele momento que encontrei a filmadora decomposta em mil pedaços. Era plástico e elementos eletrônicos espalhados por todos os lados, e para ajudar, os automóveis que rodavam pela rua passavam por cima dos restos mortais que sobraram.

Desesperado corri para o prédio de Ricardo, o porteiro, um negrão que poderia ser irmão de Fininho, me barrou a passagem e me disse “se



não ir embora te chuto o rabo até a rua”. Fui até a saída das garagens. Era por ali que o verme comedor de mães saíria com seu carrão. Devido minha raiva, minha espumante raiva, poderia ficar fincado naquela calçada, esperando Ricardo, o tempo que fosse necessário. O tempo que esperaria pelo maldito, daria inveja a Matusalém. Os transeuntes que passavam perto de mim se afastavam rapidamente, ou atravessavam a rua, eu devia estar parecendo um louco, ou drogado, falando sozinho como se falasse com amigos imaginários, chutando as pedras da calçada enquanto praguejava.

Uma hora depois o Audi preto do Ricardo saiu por detrás do portão automático. Pulei em cima do capô do carro de braços abertos. O estrondo de lata amassando foi grande. Ricardo saltou pra fora gritando palavrões. Me agarrou pelos fundilhos do jeans e me jogou no chão. Levantei rapidamente e foi a vez dele se estatelar no capo do Audi. Gritei e cuspi em seu rosto perfumado.

- Você comeu minha mãe. Seu filho da puta, nojentto.
- Tá louco. Não comi ninguém. Nem conheço tua mãe.
- Tu comeu sim. Eu vi. Eu vi ela com você lá do meu apartamento.
- Tu esta falando da Sandra? A Sandra que estava no meu apartamento agora?
- É seu merda. Vou te matar. Comeu minha mãe.
- Não aconteceu nada. Você é o filho dela?
- Sim.
- Fique calmo. Não aconteceu nada. Me largue, deixe eu explicar. Sai de cima de mim.
- Vou te matar.



- Tua mãe veio me pedir um emprego para você. Me largue. É um emprego pra você que ela veio me pedir.
- Um emprego? Que merda de emprego? - Sem perceber fui afrouxando o aperto no colarinho da camisa de Ricardo, que aproveitando, saiu da posição que estava em cima do carro e ficou em pé.
- É, um emprego. Ela sabe que eu tenho várias empresas e que poderia te ajudar.
- Um emprego? Uma merda de um emprego?
- Sim. Mas agora esqueça. Nunca vou dar emprego para um louco desequilibrado como você.

Ricardo entrou no Audi e saiu cantando os pneus, e eu quase arrastando a cara no chão. Estava na merda. Não bastava estar devendo uma grana preta para bandidos, agora piso e cuspo na chance de arrumar emprego, e conseqüentemente dinheiro, insulto a pessoa que me ajudaria a melhor minha posição, e envergonho, com minha atitude irracional, minha mãe.

O que mais falta agora?

- Alô? Sandra?
- Oi meu amor. Já tá com saudade?
- Olhe...
- Sabe que eu estou com muitas saudades tua. Teu corpo é maravilhoso.
- Espere...
- Quando vou poder te ver de novo? Ai! Tu é um tesão.
- Deixe eu...



- Quero te ver logo. Tu me liga? Tô louca por ti.
- Cale a boca!!! Deixe eu falar, porra.
- Que foi???
- Teu filho me atacou agora a pouco quando eu saía do prédio.
- Puta merda.
- Não vai mais rolar Sandra. Infelizmente. Não podemos mais nos ver.
- Mas... - Sandra ouviu somente o silêncio do outro lado...

Est la Vie

Gustavo Pimentel

Quem olhasse para ele naqueles trajes diria que era um sujeito trivial. Um distinto senhor de cabelos brancos, a passear com o cachorrinho Poodle, no início de uma noite de verão. A sandália, o shorts branco, a camisa polo e o boné com o logotipo de um réptil verde, o colocavam no mesmo saco das pessoas normais, e aquelas pálidas pernas finas não combinavam com o papel que desempenhava ou com o tamanho de sua importância, ou da importância que achava que tinha.

Caminhou algumas centenas de metros do prédio onde ficava sua grandiosa cobertura de luxo. Olhou o vai-e-vem incessante dos carros na avenida que se abria a uma quadra de onde estava. Avistou uma parada de ônibus apinhada por dezenas de trabalhadores que voltavam para casa após mais um dia de trabalho. Podia até enxergar seus rostos castigados pela carga de anos de massacrante labuta diária acompanhada pela miserável desesperança. Quem sabe se algum empregado seu não estaria por ali. Sentiu pena daqueles pobres coitados, vergonha até, se os comparasse com seu próprio estilo de vida. O remorso não era para menos, tendo em vista o que tinha realizado em sua própria jornada de trabalho naquele dia. Mas tudo aquilo, aquele desatino, durou somente dois segundos, se muito. Uma coceira na bunda desviou aquele pensamento.

Era tudo tão simples. O egoísmo engolia os bons princípios, a ética e a moral tão rápido que os defecava quase imediatamente. Tão rápido como aquela coceira na bunda. Ela incomodou, ele coçou e pronto. Assim como a vergonha e o remorso, tudo acabado.

Viu cruzar pela rua um clarão prateado. Era um carro esportivo, importado. Quem guiava era uma beldade de parar o trânsito, com uma



vasta cabeleira loura. Uma máquina dentro de outra. Ele conhecia tanto o carro como a mulher. Ambos eram seus.

Agradeceu a algum deus por ter uma mulher como aquela. Não ao Deus dos cristãos, tendo em vista que já tinha quebrado em milhares de pedaços, somente naquele dia, as tábuas dos mandamentos que Moisés com tanto esmero apregoou, e sim a um pagão qualquer. Ela lhe fazia bem, ele sabia disso. Ela fazia com que os resquícios da essência de uma pessoa de bem, daquilo que sobrara nele, se mostrasse, se desentocasse do buraco imundo para onde tinha sido sugada. Além disso, ela tinha uma exuberante beleza física, uma pureza mesclada com delicadeza e sensibilidade, que lhe conferiam qualidades de um anjo.

Resolveu que já era hora de voltar. Após deixar o elevador privativo, desembarcou afundando no tapete felpudo da entrada de uma enorme sala do seu apartamento. Soltou a guia que prendia o Poodle, que saiu correndo lépido. Percorreu os muitos aposentos até chegar à sua suíte. Escutou o barulho do chuveiro. No banheiro admirou as curvas generosas e a pele macia do corpo molhado e jovem de Cicinha, como ele gostava de chamá-la, quase uivando de prazer. O nome dela era Cecília.

Retornou para a sala onde esteve há alguns minutos atrás. Com um copo de um Escocês com gelo e um cubano nos lábios, estirou-se na sua poltrona favorita, enquanto escutava Miles Davis do CD que tinha posto no monstruoso aparelho de som. Reclinou a poltrona, recostou a cabeça e fechou os olhos. Os anéis de fumaça que soprava até o teto se transformavam em cifras. Ele estava “chapado”. “Chapado” com a riqueza que tinha e aumentava exponencialmente com o pouco tempo de vida de seu mandato como deputado. O poder é droga, vicia quem a experimenta. Aquela felicidade toda fazia com que seu ego subisse num jorro de luzes pirotécnicas, tamanho era sua satisfação com mais uma negociação fechada de forma satisfatória naquele dia. Já sabia até como manipular aquela quantia.

Apesar de seu gabinete receber varreduras semanais contra qualquer artefato de espionagem, precavido que era, resolveu deixar seu

gabinete para realizar a reunião daquela manhã longe de lá e, numa clarividência demoníaca, o almoço, especialmente o tradicional cafezinho pós-refeição que teve com seu convidado, se materializou na sua frente enquanto era engolido pelo conforto da poltrona.

- O almoço estava uma delícia deputado Lessa. Obrigado.

- Agradeça a meus eleitores, Nogueira. – Lessa deu uma gargalhada que ecoou em todo o salão do restaurante que, no momento, convenientemente, estava quase vazio.

- E ficará melhor meu caro deputado. O senhor terá uma digestão macia esta tarde.

- Mesmo? Conseguiu viabilizar? – Sussurros rolaram por cima da mesa.

- Mole-mole.

- Fez como eu te disse.

- Sim. Logo receberás a citação que sua empresa ganhou a licitação para a construção da estrada e da ponte. Os orçamentos das empresas concorrentes estão muito acima dos da sua.

- E estas outras empresas?

-Terão que chamar os caça-fantasmas para encontrá-las. – Novamente as gargalhadas ecoaram. – Mas tem uma coisa.

- Diga.

- Minha comissão aumentou para dez por cento.

- Como? De cinco para dez? Tá louco?

- É que tive que pagar para mais algumas pessoas ficarem cegas, mudas e, até retardadas. Mas, além de tudo, seu nome não aparece em nada. O senhor está limpo. Tudo responsabilidade minha.

- Oito?

- Beleza.

As lembranças do deputado esvaeceram-se, se incorporando à fumaça azulada do charuto que forrava o teto ao ouvir a voz suave, melada de carinho, de Cicina, que lhe chamava para o jantar. A mesa já estava posta e da comida saía um vapor carregado com um ótimo cheiro. Lessa debruçou-se para beijar a testa de Cecília.

Enquanto conversavam banalidades, meio prato já vazio, um rapaz entrou na sala, se jogando em uma cadeira em frente à Cecília, lançando no chão a mochila que carregava nas costas. Tudo foi feito em uma forma tão abrupta que os dois outros ocupantes da mesa se sobressaltaram. O deputado derramou alguns pingos do vinho do copo que levava a boca.

- Porra.

- Desculpe. Estou louco de fome. Não comi nada a tarde inteira.

- Onde esteve até essa hora?

- Estudando na biblioteca do colégio, pai.

Luciano era filho do deputado Lessa, fruto do casamento com sua primeira esposa. O rapaz tinha dezessete anos. Nascido em “berço de ouro”, incansavelmente mimado por todos da família, nunca precisou se preocupar com nada. Era um príncipezinho tirano e arrogante do reino da riqueza. Seu único propósito: torrar o dinheiro do pai.

- Você não tocou na comida Cicina. Está bem?

- Não estou me sentindo muito bem. Estou com uma dor aqui. – Ela passou a mão na barriga.

- Não deve ter sido a comida. Ela está ótima.

- É. Já vai passar.

- Que carne gostosa. – O deputado tinha posto mais um pedaço do filé na boca. Ao ouvir esta última frase Cecília quase vomitou. Ficou

branca. Era a segunda vez que escutava aquela frase naquele dia. Somente as circunstâncias foram diferentes.

Naquela tarde, ela nua, deitada de lado na cama do motel, Carlão deitado a suas costas, com a cabeça apoiada nos seus avantajados quadris.

- Que carne gostosa. – Carlão falava enquanto lambia o cóccix de Cecília.

- Pare com isso, estou preocupada Carlão. – Eles tinham terminado duas seções de sexo. Um sexo nada parecido com aquele entre ela e o deputado. O que teve a pouco fora selvagem, vibrante e enlouquecedor.

- Preocupada com o que minha potranca.

- E se não der certo.

- Vai dar certo. Confie em mim. Ele é um velho muito burro. – Carlão percebendo a cara de desconforto que Cecília fazia, continuou. – Nada pode dar errado. Você sabe o que terá que fazer amanhã, não sabe? Vamos de novo. Antes de você sair, pegará as joias que ele te deu, o dinheiro do cofre, tu já tens a combinação, o cartão magnético do banco onde vocês fizeram a conta conjunta, de onde, mais tarde, vais sacar tudo o que tiver ali. Depois é pegar a Terezinha, que é a cozinheira da casa dele, e levá-la até o banco onde o deputado abriu conta usando ela como “laranja”. Ela irá fazer uma transferência para a conta que esta no seu nome e, pronto. Fugimos no carrão, cheios de dinheiro e o coitado se dará conta da cagada que fez quando nós estivermos a muitos quilômetros daqui, em uma praia qualquer. Simples e gostoso como a transa que tivemos agora a pouco.

Cecília somente saiu do devaneio quando escutou Luciano falar:

- Cecília, você está grávida.

- Não estou não garoto.



- Oba, vou ganhar um mano.

- Não seria uma má ideia. – Cecília olhou com cara da brava para o deputado Lessa que rapidamente mudou o discurso. – Deve ter sido a comida do almoço. Você comeu no restaurante, não é mesmo?

- É.

- Eu tenho um remédio para ti.

Agora foi a vez de Luciano ficar branco e quase vomitar. O rapaz se engasgou, tossiu expelindo pedaços de carne pela boca. Tinha escutado aquela mesma frase naquela tarde.

- Eu tenho um remédio para ti. – Paulinho tirou do bolso da calça um cigarro de maconha, colocou na boca e começou a acendê-lo. Os dois tinham ficado boa parte da tarde planejando a ação do dia seguinte e, quando Luciano falou que estava cansado daquele falatório todo, Paulinho resolveu recompensá-lo com o cigarrinho.

Paulinho era um vendedor de drogas chinfrim, que morava numa quitinete imunda de uma favela da periferia da cidade. Luciano não lembrava como e onde o tinha conhecido, estava muito “chapado” naquele dia, mas deixou-se cair pela lábia mole e arrastada do jeito malandro de Paulinho.

- Vamos ficar ricos Luciano. Vou conseguir aumentar minha zona de “negócio”.

- E eu nem sei ainda o que vou fazer com a grana. – Luciano desatou a rir como o que acabara de dizer fosse a maior piada do mundo. A fumaça já tinha subido para a cabeça e a viagem começava.

- Vamos enganar o velho “trouxa” direitinho. – Paulinho já tinha os olhos semi-serrados.

- Eu só queria ver a cara dele quando ele atender ao telefone e ouvir você dizer que seu precioso filho, o Lucianinho, foi sequestrado por bandidos. Porra cara, como eu queria estar lá.

- Mas tu acha mesmo que ele vai cair. – Paulinho tinha ainda um certo receio.

- Claro. Ele é muito burro. Fique tranquilo Paulinho, ele vai pagar o resgate e não avisará a polícia. Você vai ver. Dinheiro fácil mano. – Luciano deu mais uma puxada no cigarro e passou para o comparsa.

Cecília agradecida que a atenção do deputado Lessa fora desviada pelo chique dado pelo enteado, levantou-se para lavar o rosto, para ver se sua náusea ia embora junto com a água pelo ralo. Quando retornou tudo estava calmo.

Os três deixaram a mesa como estava, um empregado surgido do nada começou a limpá-la, foram para a sala para um copo de licor de cacau. Conversaram, riram e confraternizaram como uma família feliz e unida, e foram para a cama cedo, já que o dia seguinte seria cheio.



LEANDRO DÓRO⁴

Triângulo de Rodrigo

Mariana tinha rosto no formato de coração, olhos iguais a nozes e cada lábios semelhantes à pimenta. A pele, alva, branca, parecia que nunca havia tomado sol, como se tivesse vivido os últimos anos entre livros. Porém ela aparentava uns 19 anos, sob seus cabelos Chanel escuros. E falava de festas, mais do que de livros.

Rodrigo preferia Isabela. Essa era mais velha, mas fisicamente parecida com Mariana. A diferença eram os cabelos: loiros e longos em Isabela. Mas afora isso, as duas eram iguais. Ele encarou Mariana nos olhos, enquanto visitava a coordenação do curso onde trabalhava como professor de História.

-Professor Rodrigo, deseja alguma coisa – disse Mariana, a secretária do curso, ao docente de óculos e corte de cabelos ao estilo Super-Homem. -Por ora, nada Mariana. Obrigado. Mas ao final da aula, gostaria de conversar com você – respondeu, esboçando um sorriso no canto dos lábios.

Ela compreendera e ao final das aulas, daquela noite, Rodrigo ofereceu carona a ela. E isso se repetiu até que ele a viu nua, em pé, em um quarto de motel, o ventre recoberto de penugem, as coxas úmidas e um sorriso de fêmea satisfeita. Para Rodrigo, ela era de barro. E assim passou a tratá-la, como uma escultura a ser moldada.

⁴ Leandro Malósi Dóro, Desenhista, Comunicar social, Jornalista, Contista colaborador do Projeto Passo Fundo

Mariana queria cursar Administração. Almejava gerenciar a Secretaria Geral de Cursos. Rodrigo contava a ela sobre a vida de Isabela: cursou Letras. Fez Mestrado e Doutorado. Lecionou em Buenos Aires e agora trabalhava em Florianópolis como professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Criou a teoria dos Cartéis Literários, em que buscava comprovar que determinados grupos de escritores protegem uns aos outros para serem aceitos pela sociedade. E Mariana escutava. Perguntou se Rodrigo já namorou Isabela. Ele negou, todavia escondeu sobre o guarda-roupas a caixa com fotos e cartas do semestre em que viveu com a professora de Letras. Rodrigo namorou Isabela antes dela passar no mestrado e ir para a Argentina.

E Mariana e Rodrigo viveram juntos. Convenceu-a cursar Letras. Ela desistiu de estudar Administração, mas citava isso nas mesas de bares, entre amigos. Muitos estranhavam ela desconhecer determinados autores. Falava mais sobre gestão do que de literatura. Muitos sugeriam: creio que você é mais moldada para a Administração. Rodrigo interrompia a conversa, dizendo que via mais futuro para ela nas Letras.

Dona Laura, mãe de Mariana, visitava a filha todas as semanas. Admirava a beleza do piso de tabuão, a biblioteca com quase um milhão de livros e os sofás que deveriam ter custado o valor igual a três conjuntos de sofás dos mais comuns. Rodrigo visitava, às vezes, Dona Laura, Seu Augusto e as três irmãs de Mariana. E observava as paredes de madeira, o pátio gramado, o sofá abalado de tantos que ali sentaram e o televisor de 20 polegadas que às vezes ficava preto e branco.

Um artigo científico de Isabela foi publicado na revista da Faculdade de Letras da universidade. Mariana leu: Formação dos Cartéis Literários na Geração 90. Procurou, na internet, fotos de Isabela.

Encontrou. E considerou-se muito parecida com ela, entretanto nada comentou com ninguém. Mariana lia livros ao lado de Rodrigo. Visitava bibliotecas. Era sabatina da sobre o os principais escritores.

Ganhava roupas do namorado: calças, camisetas e tênis que pareciam tão diferentes dela. Entretanto, aceitava e usava. Até o dia em que seu lado do guarda-roupa não possuía resquício dos vestidos que amava.

E, igual a nuvens, planejaram a mudar-se de cidade, lentamente. Foram a Florianópolis. Rodrigo passou a lecionar em um curso de pós-graduação e Mariana a concluir o curso de Letras em uma universidade privada. Sugeriu ao namorado visitar a professora Isabela. Ele recusou-se.

-Outra hora – respondeu. E esse diálogo se repetiu mais umas três vezes até que Mariana desistiu de provocá-lo.

Ela estranhava não sentir ciúmes de Isabela. Porém pensava às vezes em deixar seus cabelos crescerem até os ombros. Fazer luzes, para aloirá-los. Porém sentia-se desconfortável ao imaginar-se assim.

Ela conseguiu emprego como secretária de uma pediatra. Levava, para estudar, os livros do curso e alguns da biblioteca particular de Rodrigo. Em uma das vezes em que vasculhava essa pequena biblioteca, encontrou uma caixa. Viu as fotos de Isabela. Leu as cartas trocadas entre os dois. E os pedaços de papéis com rascunhos de amor. Pensou nisso, em silêncio. Procurou, novamente, as fotos de Isabela na internet. Comparou-se com ela no espelho.

Recordava-se das sugestões de Rodrigo: faça Mestrado, igual Isabela. Faça doutorado, igual Isabela. E pensava novamente porque nunca imaginava sentir ciúmes de Isabela. Concluiu ter confiança nos próprios seios, pernas e ancas que abrigavam o sêmen de seu amado todas as noites. Em um ímpeto, teve vontade de pedir transferência para o curso de Administração, contudo estava no final de Letras.

Todavia, decidiu-se: nunca deixará os cabelos crescerem.

LEONARDO NUNES NUNES⁵

Fábula ou Parábola?

Na minha última viagem para as Minas Gerais tive uma surpresa nada agradável. Tenho viajado Brasil afora procurando trilhas para percorrer, aventuras inéditas para encontrar – única e exclusivamente – a vida. Bem dizer minha vida. Sempre achei que a vida estava nas coisas invisíveis aos olhos do homem do lugar-comum; eu não queria mais ser um homem do lugar-comum. Minhas fugas estavam direcionadas, nos mais das vezes, a lugares inóspitos, outras, com menos frequência, centros urbanos não-movimentados. Sempre preferi a floresta e a vida longe da cidade grande; esta é a verdade. Admito que sinto repulsas ao ver grandiosos arranha-céus de concreto, aversão a cidades grandes. Atualmente moro numa cidade pequena de não mais de três mil habitantes. Um grande alívio.

Falei que em minha última viagem para as Minas Gerais eu tive uma surpresa nada agradável, mas não era o que eu secretamente esperava? Tenho encontrado em minhas viagens criaturas terrestres jamais vistas em livros especializados ou mesmo uma citação a respeito; fotografei outras belezas que transcendem à capacidade de olhos humanos enxergarem, desfocados. Há provas do que falo! Apesar de que

⁵ Participações em antologias de contos. A saber: "Algumas Ficções" - Ed. DeLeon - 2007 - com o conto "Caçador Noturno"; "Irmandade das Sombras - contos de terror, horror e fantasia" - CBJE - 2008 - com o conto "A Devoradora d'Almas". "Autores Fantásticos" - Ed. Argonautas - 2012 - com o conto "A origem do Horror de Red Hook". "Suburbia - os filhos da guerra" - Ed. Estronho - com o conto "Um Limite para a Escuridão". (em breve, novas) Livro somente meu: Fúnebre Cortejo - verão 2011 - Ed. Projeto Passo Fundo.



provas não bastam em tempos cuja facilidade de forjar imagens em programas de computador nos desacredita. De qualquer forma está lá. A foto que tirei, emoldurei e coloquei no centro de minha sala – pus para quem quiser ver e acreditar. Para enxergar além da imagem basta sabedoria. E capacidade para fugir do estereótipo que é o cotidiano da vida humana. Nada mais do que abrir o terceiro olho. E isso requer muita vontade.

Foi há dois meses, embora eu tenha planejado aquela viagem há dois anos. Tentarei ser sucinto ao narrar o ocorrido sem, contudo, me estender falando dos preparativos finais para a viagem; ignorarei também o período da viagem e os pequenos contratempos ao longo dela.

Recordo da noite anterior à manhã que a encontrei. O vento soprava uma brisa leve. A Lua prateada iluminava o horizonte e pintava as copas das árvores. A relva, a mais pura beleza, por isso assustadora. Não dormi de tanta euforia. Estava tão excitado por ver um lugar poderoso, sentindo no fundo do peito uma paz que em nenhum lugar ou dia em minha vida fui capaz de sentir – tão eufórico que sequer escrevi em meu diário as impressões obtidas daquele lugar. O termo lugar poderoso não é em vão; a força daquele ambiente me atraía. De tal atração uma verdade eu sentia: naquele lugar homem e criatura não coabitariam. Privilégio ou não, somente eu a vi.

Passei a noite inteira acordado, vendo e absorvendo a beleza que me era proporcionada. O dia amanhecera carregando consigo um punhado de novas sensações. Engraçado é que nunca permaneci acordado uma noite inteira em nenhuma das viagens e incursões a matas que fiz; aquela foi a única. Das sensações tidas, poucas eu poderia explicar em palavras; grande parte delas ocultas à grande massa que cobre a superfície da Terra. De presente me foi dado, posso garantir, segredos dos mais iluminados – os quais nenhum me foi permitido revelar.

Baseei-me na nova coordenada entregue pelos portadores dos segredos do universo. Enveredei pelo caminho que me levou direto para um rio que não lembro o nome – recordo que era parecida com a palavra

Homem. De toda forma, completamente impronunciável me soou aquela expressão. Onde fica aqui? O que há aqui? Perguntei-me, em pensamento, deslumbrado. O que quer que lá tenha havido, alocou-se em minhas memórias. E também em minha foto na sala.

Daquele rio, do fundo daquele rio, uma gigantesca cobra diante de mim emergiu de suas puras e cristalinas águas até ficar com o corpo praticamente todo descoberto. Incalculável era sua profundidade, incalculável também o comprimento daquele animal. Não pude deixar de sorrir (um sorriso de aflição) ao deparar-me diante do fantasma do medo. Meus olhos viam-na com espanto; minha cabeça girava. Ela abria sua bocarra lentamente, mostrando uma voracidade incontida, dentes pontiagudos e saliva gosmenta própria de uma boca inanimada. Deduzi tratar-se de raríssimo evento aquele, pois a forma com que ela se abria era totalmente anômala. Engolir-me-ia sem grande dificuldade caso não tivesse tido uma refeição saborosa pouco antes. Soube disso porque vi lascas de carne pendendo de seus dentes. Tinha apenas um olho, uma única pálpebra pendia daquela ponta; sabe-se lá se na extremidade oposta outro olho havia. Meio apavorado meio corajoso e desmiolado, acompanhei com o olhar a extensão daquele corpo grosso e esguio; reparei nele uma cor que lembrava o marrom, manchas pretas aqui e ali, um misto de marrom e dourado reluzindo ao sol exuberante. Havia uma segunda boca, horizontal, que se abria e fechava esporadicamente sobre o corpo dela, como se por ela respirasse. A pele me parecia composta de escamas lisas. Segurei meu ímpeto de alisá-la. Uma nova aflição brotava em meu peito – pensei que ali pudesse ser meu fim; depois daquela maravilhosa noite o pensamento parecia fazer sentido.

Ela permaneceu com a cabeça empinada por bastante tempo. Percebi, pelo movimento, que ela não só esperava como queria algo meu. Ergui do peito a máquina de fotografar digital e bati dela uma foto, controlando a tremedeira de minhas mãos. Após o flash, vagorosamente fechou a boca e desceu a cabeça, por fim lentamente submergindo o corpo. Fê-lo até não sobrar mais do que um pequeno e imperceptível

detalhe, talvez uma longa pedra no fundo do rio. Era como se quisesse realmente se mostrar. Para o mundo. Se mostrar.

Saí com o coração acelerado. Excitado, pensava que naquela foto estaria um dos segredos que a Terra guardava a sete chaves. Cri que somente eu fui auspicado por conhecê-la. E talvez eu estivesse certo. Nunca ninguém mencionou ter visto qualquer coisa parecida nas Minas Gerais; salvo, óbvio, em lendas locais pouco levadas a sério.

Durante o dia vi e revi a foto. Não tinha noção do que realmente aquilo significava. Do quão importante era aquela imagem para mim. O ápice de descobertas já havia passado, mas nem por isso se despregara de meu peito a desvairada sensação de tê-la visto. Nada de interessante ocorreu depois disso. Nada relevante de nota.

No dia seguinte à minha chegada à cidade revelei a foto. Lembro o espanto do dono da casa de fotos quando me olhou. Disse-me com o olhar incrédulo um “eu não acredito!” E não acreditava mesmo, a julgar pela estranheza vista. E por debaixo da incredulidade dele, um pouco de medo. Adquiri ali mesmo porta-retratos de madeira, coloquei-a dentro e, em casa, fixei na parede. Com certa insistência me pego olhando para ela, imaginando qual caminho segui até encontrá-la. Não sou capaz de recordar, todavia; minha mente é fraca. De qualquer forma isso não tem a menor importância, apesar de saber que foi real. Não diante da prova irrefutável que, fotografada, permanece em minhas memórias. Sempre permanecerá, aliás. Por este e outros motivos tomei uma severa decisão: não mais sair a esmo à procura de aventuras. Talvez eu tenha encontrado o que inconscientemente procurava, não sei. Estou nesta cidade e quero ficar até o fim de meus dias. Que espécie de recado foi aquele que guardo exposto na parede? Não faço ideia; confesso. Mas falo de cadeira: na Terra há muitos mistérios que o homem nega e desconhece. A atitude mesquinha de quem se acha o centro do universo torna-o cego, por isso não merece ser conhecedor. E não ver a verdade transparente é escrever e assinar com o próprio sangue as linhas finais do desenlace. Aceitar não existir. Morrer sem mesmo viver.

O Homem que não conseguia

Leonardo Nunes Nunes

A ideia para este conto foi tida aos 25 dias de junho de 2012, às 9h30min aproximadamente.

Escrita na manhã de 25 de junho de 2012.

Esta história não passa de uma ficção comum, mas muito bem poderia acontecer com qualquer um de nós.

Para aqueles que não gostam da LitFan (*Literatura Fantástica*) nem de reviravoltas estrondosas.

Leon Nunes

Seu nome de batismo era Augusto. Não dos Anjos como nomearam o poeta, embora gostasse dele. Todavia de um simples de Souza, caracterizando-o mais um da Santa Multidão. Tinha desejos, mas tinha medos que tolhiam sua felicidade; medos diversos, um deles o de simplesmente acordar no dia seguinte e ver que tudo continuava igual. Imerso naquela mesmice que o caceteava. Sempre. E assim era sua vida. Um eterno dormir-acordar frustrado.

Frustração. Bem que este substantivo poderia ser seu nome. Augusto da Frustração. Fecharia melhor inclusive com sua personalidade, adquirida com o tempo e com os fracassos. Fora premeditado, quando no seu nascimento, que seria um grande e renomado advogado, mas também a pobreza o submetera a um simples trabalhador virtual. Ainda se tivesse aptidão para as artes, a arte plástica por exemplo. Ainda se tivesse ânimo!

Mas não. Não tinha, e vivia de um simples movimento automático, praguejando todas as manhãs o enfado que sentia. Era necessário acordar e dormir, as únicas coisas que fazia deliberado, suplicando que aquela última fosse a *última*.

Augusto da Frustração, não mais de Souza, embora documento nenhum carregasse este nome, simplesmente abriu os olhos e vira o teto de seu quarto. Mais uma de tantas outras vezes. Haveria de levantar, e até seu espírito o exortava que levantasse, mas o movimento não vinha. Olhos abertos, mais um dia naquele incontável sem-fim cotidiano. Ficou na cama mais meia hora. Ou quarenta minutos, para ele não importava. O fracasso seria igual, sentia. O peso (que carregava às costas) o impedia de virar de um lado ao outro na cama, pequena para sua estatura, sequer tirar os braços debaixo das cobertas; não se mexia. Mas haveria de levantar uma hora. Seria outro dia daqueles.

Augusto, enfim, levantou. Cansado. As noites serviam apenas para seu desejo de acabar ali, deitado, no mundo dos sonhos – lá ele era rei, esperto, bem-quisto, feliz. O Sul do Brasil fazia um frio gostoso no inverno, embora não nevasse. Ficou apenas de pijama, olhando para a roupa que vestia (se não sentisse modorra logo cedo...) e pensando que aquele momento duraria a eternidade; outra de tantas em que vivia. Vestiu-se com vagar, não se importando com o frio. Ou com a tosse. A garganta inflamada. Havia, por certo, uma força que o envolvia e o fazia enfrentar o dia seguinte com o nada que restava de sua vontade. E sem a mínima vontade, arrastado, foi ao banheiro fazer sua higiene.

No retorno ligou o computador. Bem, talvez tivesse ligado sua máquina de datilografar elétrica acaso ela funcionasse. Mas ela não o ajudaria hodierno, quando o mundo tornara-se virtual. Nem em seu emprego. Era bobagem pensar nisso. Ao menos não tinha que tomar remédios. Haveria, aí sim, de tomar seu café-da-manhã, um simples pão com chimiê, café preto. Saco vazio não para em pé. E toda aquela bobagem para continuar o dia fracassando.

Diante do computador, acessara seu sítio e percebera que havia recebido três respostas de clientes virtuais seus. Reclamando. Da demora do novo projeto de sua responsabilidade. Ele tinha ideias ímpares, torná-las realidade (nem que fosse virtual) era o difícil. Uma semana de atraso, reclamava duas delas; a última dizia um mês. E mais, com certeza. Iria responder o quê? Que estava entristecido? Perderia os únicos clientes (havia, além daqueles três, apenas mais um, também insatisfeito) e seu ganha-pão.

Augusto da Frustração queria acreditar. Acreditar nos *Anjos de Mons*, do escritor Arthur Machen; em *São Jorge*, cavaleiro templário; na alquimia impossível e falha de livros antigos; em si próprio. Mas tinha de lutar com as únicas armas que tinha – embora não soubesse quais e nem tivesse noção de como fazia. Fora o trabalho mais fácil que conseguira, ainda assim o fazia descontente. Desmotivado. Vez ou outra pesquisava como as pessoas tocavam suas vidas, delas obtinha uma percepção falsa de suas rotinas; ao menos assim lhe soava. E as cobranças vinham. Pesadas. Cruéis. Às vezes até inumana – pimenta nos olhos dos outros não arde.

Acessara sua ferramenta de trabalho. Pusera sua senha. Entrara. Vira uma série de códigos que entendia e lhe causavam enjoo. Lembrava-se de sua última mulher e de um de seus conselhos: *faça agora e tenha tempo livre depois*. Não conseguia, porém. Sabia quais caminhos seguia, mas era difícil trafegá-los. Como era. Um mapa em branco, mesmo que tivesse a capacidade de ver as linhas invisíveis nele. Difícil. Difícil e árduo. E se ganhasse na Mega Sena? Não apostava, tinha nojo. Dinheiro não vinha de graça, e ele só fazia era riscá-lo de sua vida protelando o término de seus projetos e não conseguindo outros. Clientes faltavam, assim como sua vontade, seu ânimo. Havia uma efígie em sua mente de como poderiam ser as coisas se do nada surgisse força; um vulto fugidio. Se chorasse pelo menos; nem isso era capaz.

Já era meio-dia e nada. Nenhuma alteração sequer em seus projetos. Hora do almoço, haveria de comer sua própria madorna acaso

quisesse ganhar alguns trocados com aquilo – certamente o atraso seria motivo para o cliente pagar menos do que o acordado. Foi à cozinha e preparou uma comida rápida; rápido não foi sua pressa em comer. Quando viu, atraso novamente. Duas da tarde e não havia voltado para seu trabalho. Mundo injusto. Ou vida injusta, tanto faz. Augusto tinha de voltar para os códigos e tocar adiante.

Augusto da Frustração, cinco e pouco da tarde, enfim conseguira dar continuidade à labuta. Tarde. Bastante tarde para quem já estava atrasado. Se acaso tivesse estes lampejos de continuidade uma hora por dia, todos os dias, em uma semana já terminaria dois dos mais atrasados projetos. Sabia que não funcionava assim, todavia. *Anjos de Mons, São Jorge*, livros de ocultismo falhos, o dia chegara ao fim. Comeriam um pão com chimiê e arrumaria a cama. Desejando que fosse seus últimos momentos, sua cama, leito de morte.

Augusto – nome cujo significado não condizia com ele: majestoso, magnífico, venerável – só salvara o projeto continuado quando sua cama estava pronta para recebê-lo. Se acaso faltasse luz naquele momento seria uma tragédia igual a tantas outras, mais uma de suas dificuldades que tinha de enfrentar. Além disso, nada mais. Augusto – cujo nome, para ele, significava atraso, insignificante, desprezível – se sentia apoquentado. E no peito estacas cravadas, delas sua alma gemia.

Desligou o computador depois de sua higiene noturna. Passou o dia e sequer enviara uma resposta a seus clientes para dar satisfação. Entrou debaixo das cobertas e sentiu-se ele preparado para os sonhos que teria. Neles certamente Augusto não seria da Frustração. Seria do Sucesso; seria da Alegria; Augustus Felicitae haveria de ser chamado. Preparado também para a morte (se era para continuar daquela forma, preferia ali dar seu estertor final), porque não. Queria era seus olhos fechados, não mais ver o mesmo teto, a mesma vida, a mesma cobrança, o mesmo enfado.

Augusto da Frustração. Homem que não conseguia encontrar motivação nem força de viver. Fracassado. Derrotado. Condenado ao

eterno dormir-acordar e a uma vida sem vida. Ao sabor do tempo, um longo caminho, seria levado até seu fim. Como uma folha morta arrastada pela brisa mais débil sem saber aonde ir. Eternamente frustrado.

E para seu desagrado, todo o dia, ele, da Santa Multidão, os olhos abria.

O Homem que não conseguia.

LINDOLFO KURTZ⁶

O Presente

Ele era avô, como costumam ser os velhos, abastado como poucos e só via como ele só. Possuía vários imóveis de aluguel, ações de bancos e de grandes empresas. Grande parte de seus recursos, porém, era representado por dinheiro em espécie que ele aplicava a altos juros, obtendo com tudo isso elevada renda mensal.

Todavia, quem não o conhecesse se apiedaria de vê-lo, tão pobrementemente vivia e se vestia. Seus dois ternos de brim, antiquíssimos, tantas vezes já haviam sido lavados que não mais se descobria a sua cor original.

Sua figura magra e sua avareza crônica eram bastante conhecidas na cidade. Não gastava nem palavras. Falava pouco. Caminhava com lentidão, dando passos largos. Certamente, - diziam – para economizar a sola do sapato. Andava sempre com a cabeça inclinada e o olhar no chão, pois na mocidade havia perdido uma pataca e tinha ainda a esperança de encontrá-la.

Vivia só, o Grandet crioulo, numa antiga casa de alvenaria, há muitos anos esperando uma pintura. Era dividida ao meio por uma parede de madeira, morando ele em um lado e, no outro, sua única filha (havia economizado até nos sagrados deveres da multiplicação) e sua bonita

⁶ Reside em Porto Alegre e é membro correspondente da Academia Passo-Fundense de Letras.

neta. Elas nada lhe pediam e ele nada lhes dava. Viviam, assim, em harmonia.

O velho até era feliz, aquela felicidade cinzenta que só pessoas de seu feitio compreendem e usufruem. Às vezes, lembrava-se da finada e da doença que a matara: anemia. Nem tanto da doença e da falecida. Lembrava-se mais das despesas que ela lhe causara.

Nos domingos - já era tradição - almoçava com a filha e a neta. Em certa ocasião, coincidiu com o aniversário da menina. Completava ela seus quinze anos, razão por que, desde cedo, havia clima de festa e alegria na casa. A menina se mostrava mais bonita e sorridente. A mãe iniciava o preparo do almoço melhorado, com o auxílio voluntário de uma vizinha que sabia tudo de todos. Chegou o avô. A aniversariante foi ao seu encontro, de braços abertos:

- Bom dia, Vô! - E abraçou-o alegremente.

- Bom dia, minha linda neta!. Feliz aniversário! - E ambos foram para a cozinha. Diante das três, o velho tomou ares de quem ia dizer alguma coisa tão importante que seria capaz de acabar com a guerra fria:

- Querida neta - disse ele -, o vovô nunca te deu um presente, mas não pense que não se lembrava disso. Esperava apenas que completasse os quinze anos. - E tirou do bolso, lenta e solenemente, uma novinha, uma estalante nota de DEZ CRUZEIROS, entregando-a à menina.

Dentro de poucas horas, não se sabe como, a notícia de tal fato corria a cidade. Havia quem dissesse que a nota era de VINTE CRUZEIROS. Os que conheciam bem o velho duvidavam de tudo e já estavam sendo acusados de subversivos. O assunto já provocava várias discussões.

O Café Elite era o ponto tradicional de encontro de amigos para o cafezinho, a água mineral e o vermute.

Falava-se de tudo, inclusive da vida alheia, da guerra na Europa e de futebol. Os grupinhos, sentados em redor de mesas que nem

apareciam, de tanta gente, nesse dia tinham um assunto único: o velho e o presente. Esqueceram até do Grenal que iria acontecer dentro de algumas horas. O presente já tinha valorizado. Já se falava que a nota era de CEM CRUZEIROS, quando aí não havia mais dúvida: o velho enlouquecera.

Embora o Tesouro do Estado, sempre raspado, já há dois meses não lhe pagava a pensão, a mãe da menina organizou uma festinha, ainda que modesta, para a filha receber seus colegas para o chá das cinco.

Após o almoço, foram arrumar a sala. Arreda cadeira daqui, mesa dali, põe para cá, empurra para lá. Não havia jeito. A sala era pequena mesmo. Como é que não notaram isso antes? E a eletrola, com discos de 78 rotações, onde colocar? A mãe já nervosa teve uma ideia:

- Querida - disse para a filha a única maneira é fazermos a reunião na sala do vovô, aí ao lado. Que dizes? Vai lá e fala com ele, pois ainda a tempo de limpar e arrumar o que for preciso. Mas tu sabes como o vovô é! Pede para alugar a sala. Alugar - acentuou -, não esqueça.

E vai a menina para o outro lado da casa falar com o velho.

- Vô, a nossa sala é muito pequena para a reunião. A mãe pensa na possibilidade de fazer na sua, que é bem maior. Como o senhor tem poucos móveis, traremos a mesa, as cadeiras e o toca-discos. Poderia me alugar para esta tarde?

- Ora - disse o velho -, a sala do vovô está às ordens. No dia dos teus quinze anos nada se pode negar. Façam a festa aqui.

- E quanto ao aluguel, Vô? - perguntou a menina com ar apreensivo.

- O aluguel? Ora... Bom... hummm...deixe ver... Ora, meu bem, como é para ti, e ainda no dia do teu aniversário, vou fazer um preço especial. – E com ar vitorioso, de enxadrista que vai aplicar um xeque-mate, acrescentou:

- DEZ CRUZEIROS – pagamento adiantado.

A menina tirou do bolso, lenta e solenemente, entregando ao velho, a novinha, a estalante nota que havia ganhado pela manhã.

MARCELO HENRIQUE NOAL⁷

Um Presente para Carmem

Desde sempre foi assim.

Jackeline: O peso que Carmem teria de levar nas costas pelo resto de seus dias.

Tudo por uma noite conturbada de verão de 1999. Henry era um perfeito cavaleiro, cortês, educado e sincero, essa era a justificativa de Carmem. Na verdade ela teve uma equivocada metodologia para seu futuro. Afinal Henry era francês, tinha dinheiro, além de ser atraente. Mas o céu de Carmem se abriu formando um abismo que a engoliria; ela e todo seu mundo repleto de sonhos, minuciosamente projetada. Henry voou como uma folha seca de volta para França, e Carmem ficou com o fruto maldito daquela noite em seu ventre.

No entanto ela ainda tinha (tinha) um pouco daquela ternura, que foi se transformando em revolta ante aos estupro do pai e as bebedeiras da mãe.

Não quis abortar a criança, mas sabia mesmo que inconscientemente que seria uma mãe pior que a sua.

⁷ "Nascido em Passo Fundo, no dia 10 de abril de 1990. Desde criança demonstrou interesse pela literatura. Aos doze anos começou a escrever poesias e, aos treze se mudou para Santa Catarina, onde começou a disputar torneios de xadrez, ganhando algumas medalhas, também se envolveu com música, como compositor. Atualmente está em Passo Fundo e continua a escrever poesias, contos e crônicas."



Jackeline nasceu tão bela quanto a Carmem: longos cabelos negros em contraste com uma pálida e delicada pele, e olhos tão azuis quanto um céu de um típico domingo de praia.

Não obstante, Jacke era incrivelmente terna e educada para com todos, entrou na escola aos cinco anos e destacou-se, enchendo de orgulho o coração dos avós tios e até mesmo de Carmem.

Mas esta se tornava cada vez mais negligente e cruel.

Bebia todas as noites e descontava suas aflições em cima da doce Jackeline, que sempre tinha que refugiar-se na casa de algum parente.

Nem mesmo os vizinhos podiam com aquilo que se repetia diariamente.

Uma vez Jacke fez um desenho para a mãe, era um coração com uma flecha no meio, com um escrito: "TE AMO MAMÃE". Ela achava bonito desenhar corações com flechas, embora nem soubesse o significado.

Carmem chegou em casa e ao ver o desenho em cima da mesa da cozinha, teve um acesso de raiva demoníaca.

Em sua mente eloquente, aquele desenho era uma forma de puni-la por seus atos.

Sua consciência a torturava todas as manhãs de ressaca, e isso deve ter feito-a enxergar alguma intenção negativa no desenho.

Acordou a filha aos socos e tapas:

- Sua pequena vaca, o que é isso? Acha que eu sou burra? Sua inútil imunda!

Jackeline apenas chorava, chorava sem parar.

Por essa noite Carmem perdeu a guarda provisória da filha para um vizinho.

Rui Benedito e sua mulher Flávia ficariam com a criança até o julgamento.

Eles tinham um filho da mesma idade de Jackeline, seu nome: Romeu. Um garoto pálido com fundos olhos negros como o ermo da madrugada.

Romeu era um tanto problemático, não falava mais que três palavras por dia. As outras crianças tinham medo dele e com toda razão.

Certa vez, na escola ele praticou um injustificável ato de crueldade. Enquanto todos brincavam felizes no playground Romeu conseguiu capturar uma pomba branca e a pregou num pedaço de madeira, entregando-a a uma coleguinha.

Professores e pais ficaram chocados e o menino começou a fazer visitas a um psiquiatra. Esse também se intrigava com a presença daquele menino.

Mas Romeu e Jackeline se deram muito bem. Ficavam o tempo todo juntos e a empatia entre ambos chegava a assustar.

Logo se tornaram confidentes, verdadeiramente dois irmãos, ou mais que isso.

Benedito e Flávia estavam dispostos a adotar Jackeline.

Não tinham muitas esperanças de vencer nos tribunais, afinal, mesmo que fosse decretado que Carmem não tinha estrutura emocional para cuidar da filha, era plausível que sua guarda iria para algum parente.

De todo modo o casal acreditava que Jackeline poderia ficar bem com Romeu.

Já fazia dias, era perceptível sua mudança de comportamento, ele estava até mais alegre e educado.

Carmem estava doente e ia morrer. Tinha um defeito numa das válvulas.

Logo a notícia se espalhou pelos tímpanos de todos que a conheciam.

Só que a mulher estava cada vez mais afastada de si mesma e da vida, em geral.

E não tinha nenhuma esperança de um transplante.

Ao saber do problema da mãe pela manhã, Jackeline quis ir pra casa ficar com ela.

Ficou visivelmente abalada.

Apesar de tudo, sua mamãe era vital à sua existência.

Romeu tentava ajudar à amiguinha, mas ela só pensava na mãe morta e isso lhe corroía por dentro.

Que forma tão pura e incondicional de amar é essa?

Certa noite, depois do jantar Romeu e Jacke tiveram uma conversa:

-Sua mãe precisa de um novo coração, sabia Jacke?

-Sim, eu sei, mas não tem nada que eu possa fazer.

O olhar do guri assumiu um brilho perverso, vindo das profundezas de seu espírito.

As pessoas são más por instinto.

Alias tudo na raça humana é instintivo.

A inocência e a maldade, lado a lado, tal como o ódio e o amor.

Quando Carmem chegou a casa já passava das 4 horas da manhã e chovia

Incessantemente. Relâmpagos iluminavam a escuridão do quarto escuro destacando a água escorrendo nas janelas.

No carro tocava God Bye Blue Sky do Pink Floyd.

O som vazava do automóvel.

Carmem, bêbada, abriu a porta do carro, esquecendo o rádio ligado.

A vizinhança toda fora acordada.

A chuva era impiedosa.

Quando entrou em casa, o que viu surpreenderia qualquer um, mesmo bêbado.

Em cima do sofá uma caixinha marfim quadrangular com um bilhete acima:

“PARA CARMEM DE JACKELINE”

Carmem abriu e seu susto foi tamanho que enfartou, deixando cair a caixa ao chão consigo.

O bilhete há essas horas flutuava com o vento vindo de fora.

Dentro da caixa, em meio ao sangue coagulado, um pequeno coração humano jazia já sem bater.

O coração da filha pra mãe, literalmente.

Da janela da casa vizinha o pequeno menino ao pé da cama observava tudo imóvel.

Em seus olhos a claridade dos raios refletia a pura essência do mal.

ROGÉRIO SIKORA⁸

Noites insones

Há alguns dias andava perdido em seus sonhos, como se seus sonhos fossem tudo o que possuísse. Olha pela janela, do alto de seu apartamento. Já é madrugada. Não vê nada, tudo é morto e vago. Não consegue dormir. Sua alma, inquieta, o deixa desperto e agitado. Seus dedos percorrem, lentamente, a extensa fileira de CDs, os quais estão acomodados, com zelo, na estante, grande e sóbria, a qual garante uma das paredes da pequena sala de estar. Os discos estão separados por gênero e, dentro de cada gênero, dispostos em ordem alfabética, deixando mostrar o meticuloso hábito de ordenar as coisas. Escolhe um desses discos, o qual retira cuidadosamente da caixa e coloca no aparelho de som, que se destaca na estante, apesar de sua cor, também sóbria. Olha o display: “0:01”. Finalmente a música começara a tocar.

Gostava de ouvir músicas, enquanto perambulava, em passos intermináveis, quando não conseguia dormir. Serviu um pouco de vinho. Era acostumado a buscar companhia em um tinto de boa safra. Era um homem de hábitos morigerados e vida modesta, mas costumava beber um Châte-Neuf Du Pape, de vez em quando. Sorveu, vagarosamente, um gole do vinho. Ah, abençoado aquele Papa! Ele sim era um Santo Padre como diz a Lumen Gentium. Ah, o Papa Bonifácio, que todos os domingos ia às vinhas, que ele mesmo plantara e, quando estava lá em cima, com os cardeais à sua volta, junto às cepas, mandava, então, desenvolver uma

⁸ Rogério Moraes Sikora, Escritor, membro da Academia Passo-Fundense de Letras

garrafa de vinho de sua lavra, esse belo vinho cor de rubi, que se chamou depois de Châte-Neuf Du Pape. Não foi à toa que um mar de lágrimas se chorara em Avignon quando ele morreu! Claro, só podia ser por isso que Daudet dizia que o Papa Bonifácio era um príncipe tão amável, tão agradável. Ele tinha toda razão!

Encosta-se à janela, a chuva fina e retilínea deixa mais sombria as fachadas sujas dos prédios na rua estreita que observa, enquanto o vento assovia forte na noite negra e tediante.

Não há ninguém nas ruas. Nem o gato, o qual todas as noites sobe ao telhado da grande casa verde da esquina, se atreveu a enfrentar a noite fria, talvez estivesse em casa, cansado da rotineira busca por amores, os quais, vez ou outra, lhe rendiam alguma sapatada, jogada de alguma janela vizinha.

Dentre as janelas vizinhas, certamente, uma das mais conhecidas era a da Dona Nilce, uma viúva ou solteirona, ninguém sabia ao certo, mas o que era sabido por todos, era que se tratava de uma velha amarga e sem amigos. A única vizinha que travava algum relacionamento com ela, era a vizinha do 207, conhecida como Dona Pombinha, uma senhora, igualmente velha, porém, com uma aparência de bruxa, cujos cabelos brancos, lisos e sempre desalinhados, eram motivos de temor de toda a criançada do prédio.

Dona Nilce, que também era a temida síndica, tinha o hábito de dormir muito cedo, no máximo depois do noticiário da televisão, o qual só assistia em razão de uma paixão não confessada pelo âncora do programa. Dizem que muitas vezes seus suspiros podiam ser ouvidos de longe, acompanhados da frase “ah, se eu fosse uns vinte anos mais jovem!”

No horário desse programa, não saía da frente da televisão de jeito algum e ai de quem se atrevesse interrompê-la. Mas, nesse horário, coincidentemente, o gato do telhado da casa verde começava, costumeiramente, seu canto de amor. Eram gritos, miados e grunhidos em

altos brados. Só podia ser ela quem jogava sapatos no pobre animal. Que mulher sem coração!

Outra janela conhecida, essa sim estava acostumado a espiar, era a do apartamento de uma mulher jovem e muito bonita. Embora soubesse o nome da síndica e da bruxa do 207, estranhamente ainda não havia descoberto o nome dessa vizinha que lhe aguçava os sentidos. Sempre que podia ficava observando aquela janela e, em pouco tempo, já conhecia alguns hábitos dessa vizinha. A janela que conseguia observar era justamente a de seu quarto. Mas, mesmo assim, ao contrário do que esperava, ela estava sempre vestida. Muitas vezes assistindo algum programa na televisão, muitas outras estudando ou lidando no computador, já que era estudante. Sabia que ela fazia mestrado em alguma coisa, porque cruzara algumas vezes com ela no corredor e pode observar uma pasta que levava nos braços.

Numa noite, chegara cansado, em um horário bem mais tarde do que normalmente chegava. Foi até a sacada, olhou o céu para ver se estava limpo, olhou à esquerda, distraidamente, e quando olhou à direita, em direção à janela da vizinha, a viu entrando no quarto. Voltava do banho. Vestia apenas uma minúscula calcinha branca, sem sutiã. Pode observar suas coxas claras e bem feitas. Sua cintura era esguia. Seus seios médios e firmes eram também claros, onde se destacavam róseos mamilos, os quais ficaram quase cobertos pelos cabelos loiros, quando soltou a toalha. A persiana, na verdade, estava entreaberta, ele surpreendeu-se com o que viu. Certamente, se estivesse à espreita, aguardando por aquela cena, jamais a veria. Mas, foi sem querer, por distração, principalmente dela. Que sorte! Pena que ela logo percebeu que estava sendo observada e, discretamente, fechou a persiana. Depois daquela noite, ficara muitas outras na mesma sacada, no mesmo horário, esperando a cena se repetir. Cena que jamais se repetiu.

Nem mesmo essa janela estava aberta. Tudo era silêncio e sombras. Quem dera pudesse, nessa noite fria, ainda que apenas observar aquela vizinha. Mas, nem isso podia.

O tédio lhe oprimia os sentimentos. O vento forte leva consigo folhas mortas. Quisera ser uma delas, para poder viajar para lugares distantes, sem rumo, sendo levado pela força dos ventos, parando em um lugar qualquer. Aquelas folhas, mortas, eram verdadeiramente livres.

Muitas vezes, pensava assim. Imaginava a hora em que a morte iria levar-lhe.

Os sonhos que tinha, quantos já não sonha mais.

Há tempos não sonha. São horas vagas, noites insones.



ROSANE SOUZA⁹

Saudade

Emanuela trabalhava como enfermeira em um hospital de grande porte em uma cidade litorânea, trabalhava no período noturno, em noites alternadas. Nas suas folgas geralmente fazia plantões particulares a domicílio ou no próprio hospital. Vários anos trabalhando no mesmo local, nunca tinha ocorrido uma reclamação sobre ela, pois sempre tratava a todos indiscriminadamente, com muita cortesia, profissionalismo e dedicação. Todos gostavam dela e a elogiavam quanto ao seu trabalho.

Certa noite, acompanhando a passagem de plantão da enfermagem (o que é rotina nas trocas de turno), foi comunicada que no quarto 906 havia sido internado um paciente que seria submetido a uma cirurgia cardíaca. Sobre ele, as colegas falaram que era pra tomar todo cuidado, pois o mesmo era muito intransigente e até mesmo agressivo para com todos.

Seu plantão começara e na hora de administrar a medicação, excitou por um momento antes de bater e entrar no determinado quarto. Estava receosa, mas decidiu que agiria como sempre. Para sua surpresa, tudo correu normalmente, após receber sua medicação, o paciente que se chamava Rafael agradeceu-lhe e pediu gentilmente que ao sair ela apagasse as luzes, agradecendo novamente.

O plantão daquela noite passou sem intercorrências e Emanuela até esqueceu-se de comentar com suas colegas sobre isso na passagem de plantão.

⁹ Rosane de Souza, Escritora, colaboradora do Projeto Passo Fundo



A cirurgia de Rafael seria marcada em breve após o mesmo passar por todos os exames de rotina.

Toda a passagem de plantão tinha alguém reclamando sobre seu comportamento, mas Emanuela continuava achando Rafael até mesmo gentil, apesar de toda dor que sentia.

O dia da cirurgia chegou e após a mesma, o paciente passaria alguns dias na UTI cardiológica, pois era rotina em cirurgias como a dele. Passado esse período Rafael retornou a unidade. Permaneceu por mais 10 dias e havia sido comunicado que no dia seguinte receberia alta hospitalar, porém foi orientado que não deveria ficar só, precisaria ainda de cuidados até poder voltar às atividades normais.

Naquela noite que antecipava sua alta, antes de sair do seu plantão, Emanuela foi até seu quarto e conversando com ele descobriu que o mesmo morava só, sua família morava em outra cidade. Deixou seu cartão sobre o criado mudo e disse-lhe que se precisasse poderia contar com seus serviços. Ele agradeceu e Emanuela desejou-lhe boa sorte em seu retorno ao lar.

Chegando a casa, Emanuela tomou seu demorado banho e foi dormir. Naquele mesmo dia, à tarde seu telefone tocou; era Rafael perguntando se ela poderia começar no próximo dia e indagando-lhe sobre seus honorários, Tudo acertado, ela começaria na próxima manhã.

Rafael morava em um apartamento com frente para o mar. Emanuela ajudou-o com a medicação, curativos, enfim realizou todos os cuidados de enfermagem e as 16horas estava liberada.

Os dias seguintes transcorreram normalmente, os dois já estavam entrosados e havia menor formalidade entre eles. Rafael pediu-lhe que não o chamasse mais de senhor.

Quando Emanuela saía de seu apartamento, ele sempre acabava ligando para ela em seu celular para alguma pergunta sobre sua medicação ou por outro motivo qualquer.



Certa ocasião, Rafael sugeriu que Emanuela saísse de seu emprego no hospital e ficasse apenas com ele. Ela explicou-lhe que isso seria impossível até mesmo porque logo ele estaria totalmente restabelecido e não precisaria mais de seus cuidados. O que de fato aconteceu. No final do segundo mês Rafael já não precisava mais de curativos e podia medicar-se sozinho.

Fez Emanuela prometer que o visitaria sempre que pudesse e que ligaria para ele. Ela prometeu, pois haviam tornando-se amigos, assim pensava ela.

Rafael ligava todos os dias, dizia que sentia muito sua falta, conversavam bastante.

Certo dia ao chegar de seu trabalho Emanuela recebeu flores lindas e um cartão que dizia: “venha jantar comigo na sua noite de folga, tenho algo importante para te dizer”

Emanuela foi. Chegando lá um jantar maravilhoso a esperava, o som era MPB. Após o jantar Rafael convidou-a para dançar. Dançaram na sacada com a visão da lua refletida no mar. Beijaram-se e beijaram-se novamente, até que ela afastou-o e disse que precisava ir. Neste momento Rafael disse-lhe o que de importante queria dizer-lhe conforme o bilhete. Disse que a amava e que a amava muito e que queria ficar sempre ao seu lado... Emanuela estava assustada com aquela situação e tentava explicar-lhe que as coisas não poderiam ser assim apesar de todo imenso carinho que sentia por ele. Prometeu-lhe que ligaria, voltaria outro dia, disse que se cuidasse e foi embora.

Todos os dias falavam-se por telefone e num desses dias Rafael pediu para que Emanuela o acompanha-se em uma consulta para exames de rotina, disse-lhe que pagaria seus honorários pela companhia ao médico. Emanuela o acompanhou e é claro, foi como amiga, não cobraria como um trabalho.



Rafael perguntou ao seu médico se estaria apto a fazer uma viagem de avião à sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Assim que os exames ficaram prontos e o médico autorizou, Rafael viajou.

Durante todos os dias que lá esteve ligou para Emanuela, dizendo o quanto a amava e o quanto gostaria de tê-la conhecido antes, antes de estar doente. Enviou uma mensagem que dizia: Sinto saudades, SAUDADE NÃO DEVERIA EXISTIR.

Emanuela sentiu falta do amigo e percebeu que de alguma maneira também o amava...

Quando Rafael retornou do Rio, trouxe presentes para Emanuela e para toda sua família. Porém algo mudou em seu comportamento. Diante das recusas de Emanuela ele passou muitas vezes a não atender mais seus telefonemas e quando ela ia visita-lo ele não atendia ao interfone, mesmo sabendo que estava. Vivia recluso, nas poucas vezes que atendia ao telefone ou ligava, não era mais o mesmo, tornara-se distante, e até agressivo por vezes. Mas Emanuela sentia que ele a amava de verdade e o amava também. Começou a visitá-lo com mais frequência. Sentia que Rafael estava cada vez mais deprimido, tentava incentiva-lo a retornar ao médico mas ele não queria.

Começou novamente a ligar com menos frequência e neste período Emanuela iniciou um novo trabalho particular revezando com uma colega os cuidados à um paciente idoso em sua residência. Em uma noite ela trabalhava no hospital e na outra cuidava de seu Pedro, pai de Marcela que era sua amiga. Precisava desses honorários particulares pois o que ganhava no hospital não era suficiente para manter a família.

Havia dias que não falava com Rafael pois diante as recusas dele em ir ao médico e suas agressividades sempre que se falavam, Emanuela decidiu que não o atenderia mais. Não era uma decisão permanente pois sentia falta dele.

Naquele dia, Rafael havia ligado várias vezes mas Emanuela não o atendeu.

Chegando a noite foi para seu trabalho na casa de seu Pedro e comentou com sua amiga Marcela o que estava ocorrendo. Quando logo em seguida seu celular tocou e era Rafael, Emanuela disse: “não vou atender”, mas Marcela num impulso “arrancou” o celular de sua mão e atendeu passando para Emanuela. A voz de Rafael estava diferente, havia algo suplicante nela. Ele dizia: “resolveu me atender então? Onde você está? Preciso ver você”. Emanuela disse que não podia, pois estava trabalhando. Ele insistiu: “Diga-me onde você está que vou aí, quero te ver pela última vez”, porém Emanuela continuou dizendo que não poderia...Então ele falou: “quer dizer que não vai deixar eu ver você pela última vez? Então tá bom” e antes que Emanuela pudesse dizer mais alguma coisa ele desligou.

Mais tarde, quando já havia administrado os medicamentos ao seu Pedro e o mesmo adormecera, Emanuela enviou uma mensagem para Rafael: “tá acordado, posso te ligar?” Mas não obteve resposta.

No dia seguinte que era um sábado, Emanuela tentou várias vezes ligar mas sempre sem ser atendida. Pensou que ele estava fazendo o que já havia feito em outras ocasiões, pensou que na próxima semana iria visitá-lo...

À noite foi para o hospital, teve um plantão corrido, chegando em casa tomou seu banho e foi dormir. Naquela noite não foi a casa de seu Pedro pois marcela assumiria os cuidados.

Na segunda feira, por volta das 11 horas, seu celular tocou, número desconhecido, a pessoa identificou-se como sendo o cunhado de Rafael e que estava ligando para avisar que como tinha ligado várias vezes para ele sem ser atendido, resolvera ir até seu apartamento. Também não atendia o interfone e a campainha, foi ter com o síndico...

Rafael fora encontrado morto e segundo a perícia médica revelara, provavelmente à dois dias ou pouco mais, não poderiam dar uma hora precisa do falecimento...

Emanuela emudecera por instantes só lembra de ter dito: “Meu Deus, meu Deus”

Não compareceu ao funeral, não encontrou forças para tal...

Em sua lembrança permanece a frase que Rafael sempre dizia para ela: “SAUDADE NÃO DEVERIA EXISTIR”



SUELI FROSI¹⁰

Vida nova, casa nova

Peguei meu casaco e saí. Não havia mais condições de permanecer naquela casa que sempre foi minha. Eu a havia idealizado, construído, cuidado e havia dado vida àquelas paredes.

Não podia permitir que uma situação fora do meu controle me deixasse naquele estado desesperador. Minha amiga conseguiu seu intento e entrou para a minha vida em definitivo, e eu permiti, ingenuamente, que ela viesse, tomasse um lugar de destaque e ficasse instalada confortavelmente, tanto na casa, quanto se imiscuiu na nossa intimidade.

Sempre fomos amigas, grandes amigas. A morte de seus dois filhos, que seguiram-se à morte do marido, deixaram Ângela em frangalhos. Viu-se sozinha em casa, tomada pela dor e eu, condoída e solidária, convidei-a a passar alguns dias conosco.

Ela veio, não falava nada, mas ocupou um espaço excessivo, o que incomodou minhas filhas. Encontravam calcinhas, absorventes, compartilhavam shampoos, sabonetes e toleraram toalhas molhadas jogadas no banheiro.

Aos poucos ela foi saindo do marasmo, passou a frequentar o consultório de uma psicóloga e tornou-se uma palpiteira das boas.

¹⁰ Sueli Frosi, Escritora, Poeta, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, colaboradora do Projeto Passo Fundo

Eu tinha meu trabalho doméstico, fazia a comida, arrumava tudo, fazia com que, todas as semanas, a faxineira desse uma geral na casa, coisa que funcionava muito bem.

À tarde eu digitava trabalhos acadêmicos, o que rendia um bom dinheiro para minhas necessidades femininas e eu estava feliz com isso.

Um dia encontrei Ângela sentada ao computador, digitando a uma velocidade incrível e fazendo o meu trabalho com uma eficiência espantosa. Eu andava cansada e achei normal o alívio de delegar alguma coisa a ela, afinal, ela precisava se distrair. Só que ela não parou mais. Não reivindicava dinheiro, não cansava, entretanto, o espaço que era meu passou a ser dela, o trabalho que era meu, ela havia usurpado.

Um dia ela vestiu distraidamente meu robe mais bonito e ele ficou mais bonito nela, reconheço. Pedi que ela o devolvesse, o que fez sem nenhum constrangimento.

Foram dois meses de uma corrida por meu lugar, por minhas coisas, por meus queridos, que, encantados, estavam completamente rendidos aos encantos daquela mulher completamente talentosa e encantadora.

Ela mantinha conversas interessantes com as meninas, que a escutavam embevecidas, e passaram a ouvir de dores de perdas, a relatos cada vez mais interessantes sobre viagens, conquistas, glamour e charme.

A casa agora estava inundada de perfume, de ruídos de saltos altos, de comidas cheirosas que ela preparava para agradar ora um, ora outro. Meu marido era atendido em seus desejos de pastéis de Santa Clara, quindins e guloseimas difíceis e evitadas por mim, dado o trabalhão que dão. Estavam todos no céu. As tardes eram preenchidas por idas a shoppings, sacolas, risadas e minhas filhas a tiracolo. Bem que eu tentava fazê-las estudar, adolescentes que eram, mas a sedução da minha amiga era sempre mais forte do que eu.

O marido de Ângela morrera de uma doença hereditária e os filhos herdeiros da moléstia morreram do mesmo jeito, motivo pelo qual ela alardeava que casaria de novo, mas não teria mais filhos, a não ser que o novo marido fizesse exames específicos para detectar possíveis moléstias mortais. Sorte tinha eu, segundo ela, com filhas tão saudáveis e um marido forte e trabalhador.

Um dia, aproveitando a ausência dela, falei à minha família que estava na hora de Ângela arrumar um canto pra ela, para que voltássemos a ter a vida de antes. Ouí os protestos óbvios, de que estavam se divertindo, ganhando presentes, comendo iguarias que eles nem conheciam. Falaram inclusive das conversas estimulantes que estavam tendo com a hóspede.

Eu passei a ser a governanta, juntadora das bagunças, espectadora das conversas, mas ser ignorada por todos, eu não podia aguentar. Arranjei um emprego rapidinho, levantava cedo, me arrumava e a casa saiu do meu controle.

Chegava à noite, casa arrumada, jantar servido, e Ângela no comando, coisa comum. Ninguém falava comigo, ninguém perguntava como fora meu dia.

Um dia, ao chegar ao trabalho, soube que houvera intervenção da polícia federal, por questões que não entendi direito, meio ausente que sempre fui e, logo depois, voltei para casa no meio a tarde. Entrei e encontrei a casa impecável e Ângela assistindo TV deitada na minha cama. Ela chorou muito quando a convidei a retirar-se da minha cama, da minha casa, da minha vida. Disse que conseguira, graças ao carinho de todos, recuperar-se das perdas, conquistara duas filhas e morreria sem isso.

Esperei que todos voltassem para casa e relatei o acontecido, sabendo de que Ângela estava deitada e chorando copiosamente.

Todos protestaram e pediram-me que tivesse paciência, afinal ela gastava um bom dinheiro em cosméticos, presentes, agrados. Perguntei

se eu deveria fazê-los escolher entre mim e ela. Responderam que eu fizera uma pergunta impossível de responder.

O fato de pegar meu casaco e sair no meio da noite não abalou ninguém. Hospedei-me em um hotel e no outro dia atendi a um telefonema do meu marido. Ele relutou em dizer que seria pai de novo e que eu sempre teria um lugarzinho naquela casa, era só querer voltar.

Hoje sou uma advogada bem sucedida, recebo a visita das minhas filhas, que não suportam mais aquela mulher autoritária, aquela criança malcriada, o xodó do papai e esperam que eu as convide a morar comigo. Meu novo marido não quer compartilhar nossa casa com ninguém. Fazer o quê?



Uma vida miserável

Sueli Frosi

Carlos era homem de beleza inegável. Garçon desde menino, chamava a atenção da clientela dos bares por sua gentileza e porte aristocrático.

Casou-se aos vinte e quatro anos com Judith, uma menina ainda, cujas características principais eram a timidez e desmazelo na aparência. Judith, embora fosse linda, nunca o soube por inteiro, dado ao fato de que sempre foi desqualificada pelas pessoas. O padrasto, apaixonado por sua mãe, jamais a viu de verdade. Gata borralheira por vocação trabalhou calada durante anos em um bom colégio de freiras, lugar que a acolheu a pedido de sua mãe, desde que pudesse estudar ali. Judith trabalhou muito durante toda sua infância. A escola proporcionou-lhe um certo grau de cultura, ofuscado pela falta de interesse, coisa tão do jeito dela. O desinteresse por sua própria pessoa produziu uma personalidade taciturna, porém não chegando a ser infeliz.

Esse perfil anulado da mulher encorajou Carlos a levar uma vida sem regras, como sempre havia feito, afinal, ela não teria energia para questioná-lo por nada. A bebida e as mulheres, abundantes em seu mundo, poderiam continuar acontecendo sem perigo. Carlos sempre soube qual o tipo de mulher de que precisava.

Judith apaixonou-se por Carlos à primeira vista e com tal intensidade, que as noites partilhadas com o marido boêmio e alcoólatra foram motivo de um embevecimento cego. Sua trajetória com ele foi algo devastador.

Por outro lado, Carlos não poderia imaginar alguém olhando para a sua menina tão bonitinha, motivo pelo qual vigiou-a e torturou-a com



comentários desconfiados até quando era internada para que nascessem os filhos. A espinha dobrada de Judith era tão notória que, com o tempo, passou a caminhar de cabeça baixa, aterrorizada de medo de ser repreendida por algo que nem tinha feito. Carlos deixou clara sua posição com respeito ao comportamento mais adequado para Judith, que, somado à índole desleixada dela, produziram um fantasma, um arremedo da mulher com a qual se casou.

Carlos amava a mulher, mas, segundo ele, a vida noturna tinha seu preço, afinal, um homem bonito e charmoso tinha lá seus direitos. Compartilhar remédios com Judith era coisa necessária naquelas circunstâncias. Nem sempre seus desmandos com mulheres ficaram sem consequências e as doenças que trouxe para casa foram encaradas como normais por ele e com aparente indiferença por ela. Não havia questionamento moral da parte dele, nem auto estima suficiente por parte dela, podendo-se pensar em preguiça também, já que a casa dos dois nunca foi limpa, nunca foi enfeitada, nunca foi um lar onde pessoas pudessem viver uma vida decente.

As noites com o passar dos anos já não eram a mesma coisa. Filhos que dormem junto com os pais atrapalham muito, e os deles iam deitando aqui e ali, por não saberem direito onde eram seus lugares. Os tímidos ímpetos de desejo de Judith foram rareando, até não serem mais sentidos. O que ele viu acontecer foi que a linda figura de sua mulher tornou-se a de uma mãe de peitos caídos e pernas com varizes. O silêncio tornou-se uma constante naquela casa. Ver Judith de cabeça baixa, falando baixinho pra não incomodar ninguém era algo esperado e trazia uma certa tranquilidade com relação à fidelidade dela.

À medida em que os filhos iam crescendo, uma espécie de revolta passou a fazer parte do cotidiano. O filho mais velho se parecia com a mãe e marcava calado sua presença. O fato de não sair do lado do pai fez com que Carlos o castigasse, fazendo-o trabalhar como um mouro em uma oficina mecânica perto de casa. Foi a forma mais eficaz de manter a

presença fantasmagórica do menino, ainda imberbe, longe o suficiente para que não o molestasse. Já o segundo menino chegou bonito, porém indiferente a ele. Foi estranho constatar que, fizesse o que fizesse, o filho o ignorava completamente.

Nunca se arrependeu da surra dada naquele menino calado, quando o encontrou no porão junto a outros meninos em atitude a seu ver suspeita. Ter um filho fresco era coisa totalmente descabida. A surra deve tê-lo curado, pensou. Nunca mais o viu em companhia de ninguém. Encontrava-o vagando pela casa, quando não pendurado na mãe. Nunca o preocupou o fato de vê-lo sentado pelos cantos da casa, desmontando coisas e montando-as de novo. Aparentemente, era o que aquele menino sabia e queria fazer.

Na casa de Carlos e Judith não havia sorrisos, nem fins de semana, nem festas de aniversário, nada. Nada melhorou com a chegada da única menina que tiveram, herdeira incontestada da beleza e da índole da mãe. Ela nunca abriu a boca para nada, nem quando, anos mais tarde, encontrou o marido e se casou. Carlos sabia que a menina, mesmo pequena, já havia entendido tudo, portanto, ela manteve-se quieta e só observou os acontecimentos se desenrolarem inexoravelmente.

A virada da vida de Carlos foi dada por Santa, uma mulher exuberante e conhecedora das fraquezas dos homens. Ela começou a conversar com ele e o acolheu em seu apartamento como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. As noitadas tórridas, regadas a litros e litros de uísque, produziram manhãs que eram um desastre, com o apartamento desarrumado, roupas pra todo lado, dores de cabeça infernais. O telefone, às vezes tocava implacável. Os filhos de Carlos sempre achavam de telefonar nas horas mais impróprias e sempre, sempre choramingando de fome. Pior era no fim do mês, quando a luz e a água eram cortadas. Santa dizia, frente a irritação dele, que era assim mesmo e alcançava os trocados de que ele precisava para calar a boca dos filhos.

À época não passava pela cabeça de Carlos qualquer sentimento com relação a Judith que não fosse o medo de que ela, por milagre,

encontrasse outro homem. O tempo de Carlos passou a ser dividido entre curar a ressaca da manhã, a vigilância aos passos que Judith dava, o trabalho de garçom cada vez mais escasso e as longas noites com Santa.

Uma madrugada Carlos acordou sentindo-se mal. Deu culpa à bebida e ao enorme esforço que fizera para satisfazer aquela mulher tão exigente, porém, depois de um tempo, suspeitou de que algo mais sério estivesse acontecendo.

Levantou-se e, em frente à janela, sentiu que aquele suor não passaria, mesmo com o vento que procurou como alívio. Subitamente sentiu aquela dor no peito que o fez desfalecer.

A sucessão de acontecimentos após o enfarte eram coisa nebulosa e indefinida para Carlos, até o momento em que uma funcionária do hospital o procurou, perguntando-lhe sobre seu endereço e o nome de algum parente. Imediatamente lembrou-se de Santa, mas ignorava o sobrenome dela e não conseguiu lembrar o lugar exato do apartamento dela. O hospital atribuiu-lhe falta de memória por conta do estado em que se encontrava, mas, decorridos alguns dias sem que recebesse nenhuma visita e com uma melhora na saúde suficiente para obter alta, insistiram com o interrogatório sobre sua identidade.

Nos dias seguintes sua rotina transformou-se em um pesadelo. Compartilhava de novo da sua cama de casal, mas o que encontrou nessa cama foi uma mulher ressentida, conformada, sem viço e oito gatos dorminhocos e cheios de pulgas. Os filhos eram criaturas educadas, mas indiferentes. Sempre que necessário, mesmo a contragosto, ajudavam a carregá-lo de lá para cá e até faziam um esforço por entender sua fala arrastada, inutilmente.

Um dia acordou com dificuldade de respirar. Tinha consciência de que Judith estava na cozinha tomando chimarrão com aquele ar distante e pensativo, alheia ao mundo. Esforçou-se para emitir algum som, mas não conseguiu. Os gatos olhavam pra ele e, estranhamente, começaram a sair

do quarto. Seu último pensamento foi o de que a vida tinha sido injusta com ele, justamente com ele.

Judith enterrou-o cantando bem baixinho a música de que ele gostava, depois sentou-se calada e assim permaneceu. De quando em quando ouviam-na cantando e sorrindo com malícia, como a dizer que agora o marido seria dela. Ela mal percebeu o resto de sua vida miserável.

Os desejos de Laura

Sueli Frosi

As experiências mais marcantes de Laura sempre vieram do útero. Mesmo no começo, quando não sabia sequer como posicionar seu corpo na cama para o sexo, ela sentia que ali, no meio da barriga, estava seu centro.

Começou a sentir as convulsões de prazer pelo simples fato de encostar suas pernas nas dele, mesmo antes da penetração, demorada que foi devido à dor, nos primeiros dias. Bastava sentir o corpo dele, e algo gigantesco acontecia, cuja magnitude conseguia mascarar a dificuldade em receber o pênis dentro de si. Aquele calor esperou algum tempo para se transformar em prazer de verdade, em avalanches de orgasmos legítimos, seguidos da plenitude de sentir que tivera o que seu ventre lhe havia prometido, lhe havia anunciado.

Aquela barriga produziu filhos, sangue, prazeres intensos.

A cada gestação seu corpo informe sofria as agruras normais ao estado, mas a promessa de segurar um bebê de novo e de novo compensavam os enjoos, a dor nas costas, o cansaço. Laura gostava da sensação de poder que a gravidez proporcionava e ria das piadinhas de que acabaria rolando ladeira abaixo, da crueldade das amigas que insinuavam que ela nunca mais ficaria magra e “normal”. O que lhe interessava era seu útero e o que havia dentro dele. Nem o sexo a interessava mais, ficava para depois, para imediatamente depois.

Ela nunca entendeu o tal repouso depois do parto, já que se sentia tão bem. Acordava pela manhã com o marido dormindo placidamente e o bebê sugando seus seios. Sentia o cheiro daquela cama

desarrumada, úmida de leite. Não reclamava nem do peso do absorvente encharcado, pois tinha um fluxo intenso por muitos dias. Aquilo era sua vida, era para aquilo que havia nascido.

O crescimento dos filhos, o trabalho que davam era algo normal. Foi a adolescência deles que a abalou.

Os meninos eram dela, as meninas dele. A intimidade com os meninos era algo que fluía, sem controle, pois contavam-lhe tudo, riam com ela. Já com as meninas havia uma espécie de competição, pois tiveram que compartilhar batons, absorventes e temores. Tudo o que Laura havia temido quando menina, ela temia que acontecesse com as filhas. Seu medo de que não encontrassem alguém que as respeitasse devidamente, de que não fossem felizes não lhe dava sossego. Helena e Marisa estavam crescidas e precisavam de tanta coisa, aliás, coisas demais. Foi quando começou a trabalhar, Temia que o marido descobrisse que quatro horas do seu dia eram consumidos fora de casa.

Capítulo II

O corpo de Laura, embora forte e saudável, estava em constante transformação. Os seios começaram a perder a hígidez lá pelos 45 anos, junto com os fogachos da menopausa. A barriga caía-lhe por cima das pernas, sempre que sentava, mesmo que a encolhesse ao máximo. Os braços doíam um pouco, certamente por causa do trabalho, afinal, limpar, cozinhar, lavar e passar todas as manhãs não representavam nada, perto do que ela fazia à tarde.

A floricultura da amiga era muito frequentada. Sua tarefa principal era cortar talos das flores e ajeitá-los em baldes cheios de água. Feito isso, cabia-lhe colocar o que sobrava no lixo e limpar tudo, o que ocupava as quatro horas de seu contrato informal.



Foi de lá que um dia, ela saiu subitamente. Sem falar nada para ninguém, voltou para casa e encaminhou-se para o ato mais importante da sua vida.

O caminho até o motel foi percorrido rapidamente, sem sequer preocupar-se em pegar um ônibus. As únicas palavras que pronunciou foram as necessárias para informar-se do endereço que a chamava.

Chegou na hora exata em que o carro tão dificilmente comprado, começou a sair pelo portão. Seu andar duro levou-a à janela onde seu marido sorria, cabelos molhados, exalando aquele cheiro que ela conhecia. Era um cheiro que ela adorava e que se apresentava só após o amor dele e dela. Agora ela duvidava que fosse dele também. Nas noites em que faziam sexo e ela sentia tudo aquilo que sempre escondera, as convulsões violentas em seu ventre, sua respiração ofegante, o coração saltando do peito, Laura esperava que ele dormisse, o que acontecia quase imediatamente. Bem que seria bom que ele permanecesse dentro dela ao menos mais um pouquinho. Seria tão bom que todo aquele ardor fosse apaziguado junto dele. Aí, quando ele dormia, ela sorvia seu cheiro. Ah! O cheiro do seu homem, como era bom e como durava pouco. De manhã ela não o sentia mais.

Lá na janela do carro tudo passou pela sua cabeça. O cuidado para cheirá-lo sem fazer barulho, o enlevo com que contemplava aquele corpo que a havia possuído, a compreensão de que aquilo era responsável pelo prazer do seu ventre, pelos filhos que ela amamentara com tanto gosto, pelo encantamento dos primeiros anos quando ela detectava aquele olhar depois da janta. Eram as noites em que fazia tudo rapidinho, tomava banho mais demorado e encontrava aquele corpo que ela não abraçava, apesar da vontade. Simplesmente ficava esperando que ele a possuísse, o que fazia com gana, com rapidez. O corpo de Laura acostumou-se com a rapidez do marido, com seu desinteresse, mas conhecia perfeitamente a técnica de como gozar logo. Sua escola foram as tardes em que procurava se conhecer, interpretando seu afã em gozar

sozinha como um aprendizado para apaziguar o vulcão que guardava em sua intimidade.

A janela do carro estava aberta e a moça também sorria, cabelos molhados e a exuberância dos verdes anos em clara evidência.

Laura ergueu o braço e disparou duas vezes, só.

Capítulo III

Laura acordou sentindo o cheiro do seu homem, claramente. Sorveu o ar, enquanto sentia o orgasmo poderoso tomar conta de todo seu corpo. As companheiras de cela falavam sem parar, incomodadas com seu comportamento.

Não era a primeira vez que ela sentia seu homem enquanto dormia e estava feliz com isso. Seus dias eram consumidos com a espera da noite, quando o marido voltava, mas não sempre. Ela tinha que esperar, assim como fizera toda a vida. E ela esperava, dia após dia que as noites chegassem e lhe trouxessem aquele cheiro de volta, aquele corpo, agora seu, disponível. Por vezes até uns carinhos e afagos ela conseguia. Isso era muito melhor do que tudo.

A única coisa que a atormentava era o cartão no buquê de rosas vermelhas que ela ajudou a arrumar com tanto capricho, lá na floricultura. Em suas lembranças, o cartão era a coisa mais dolorosa, pois era a letra dele que ela viu, dizendo palavras ardentes para uma outra mulher e isso ela não podia suportar. O cheiro que ela conhecia e amava, era sua exclusividade.

O que aconteceu depois não importava.



Mergulho no vazio

Às cinco da manhã, Eva acordou. Sentiu urgência em levantar-se e o fez, não sem pensar que aquela não era uma boa hora. Estava escuro ainda, muito cedo até para fazer o café. Vestiu o robe e caminhou até a porta da cozinha, quando sentiu que ia morrer.

Seu cérebro parecia ter sido sugado junto com seu equilíbrio. Ao tocar na mesa na tentativa de ficar em pé, percebeu as mãos dormentes, a boca seca e um turbilhão feito uma roda d'água no alto do peito. Conseguiu arrastar-se até a cama e pediu socorro ao marido, que resmungou e virou-se para o lado.

Eva chamou-o de novo, aproveitando um momento de lucidez em meio a dois como que desmaios. Aí, deu-se conta de que algo muito sério estaria acontecendo.

O marido ajudou-a a se vestir com rara gentileza, insistiu para que Eva vestisse roupas de mangas compridas e uma calça jeans. Eva deixou que ele a ajudasse, com docilidade e muita estranheza, pois não tinha idéia da própria palidez. A cara dele era de pura preocupação.

Não fazia calor naquela manhã de começo de outono, então não havia razão para suar daquela forma. Eva percebeu tudo ao sair amparada de casa, quando o vento bateu em sua testa molhada. Foi tomada de um pavor tão grande, que o turbilhão em seu peito se intensificou, fazendo-a cair no banco da frente do carro. O trajeto à emergência foi interminável. Ouvia a voz de Edmundo, encorajando-a, como se ele estivesse a quilômetros de distância.

A emergência estava lotada. Eva sentou-se ao lado do marido e ouviu o que ele lhe disse ao ouvido:

- Não deixe que tirem sua roupa, pois podem perceber tudo e eu não quero me incomodar.



- Perceber o quê, sussurrou?
- Aquela briga de ontem pode ter deixado marcas, ora.

Aí ela lembrou. Havia sido uma briga daquelas, mais uma em que ela apanhou muito. Nos últimos tempos, a vida sossegada foi substituída por discussões sem nenhum fundamento e ela era vítima de agressões cada vez mais violentas. O ciúme dele era assustador.

A chamada de seu nome causou-lhe um sobressalto. Tinha que tomar cuidado com o médico, tinha que melhorar rápido, pois, se ela morresse, ou se não melhorasse, alguém veria seu corpo machucado e saberiam da sua situação vergonhosa.

Edmundo ajudou-a a caminhar até o consultório. O médico percebeu logo tratar-se de uma crise de ansiedade, receitou um ansiolítico e recomendou que procurasse um clínico no outro dia.

Capítulo II

Acordou cansada perto do meio-dia, mas completamente recuperada da crise do dia anterior e improvisou o almoço. Percebeu que Edmundo a olhava vez em quando, mas não falou nada. Por sua vez, Eva serviu-lhe o prato, esperou que comesse e quando começou a arrumar a cozinha, ele falou com ela:

- Como estás, melhor?
- Não sinto mais nada, só estou muito cansada, disse ela.
- Na semana que vem vamos ao médico, eu a levo, falou Edmundo.
- Posso ir sozinha, pensei até em ir hoje, disse Eva, sem desconfiar do que viria.

- Eu falei que vamos na semana que vem. Até lá os hematomas já desapareceram e antes disso não tenho tempo, ele falou, quase gritando.

Eva assustou-se, mas, desconfiada de que ele houvesse descoberto tudo, achou melhor ficar calada.

Mal ele havia saído, sem beijo nenhum, nem até logo, como sempre e ela correu ao telefone.

Ouviu o telefone chamando, chamando, quando começou a sentir tudo de novo. As palpitações, o formigamento, a boca seca e desfaleceu com o telefone na mão.

O filho a encontrou deitada ainda e ajudou-a a deitar. Ele era um menino bonito, gentil e que a tratava com a benevolência de quem sabia de tudo.

Eva estava acostumada a ir à escola do filho, sempre que chamada. Geralmente, falavam com cuidado sobre os problemas do filho. Ele era gentil demais, carinhoso com as meninas e a chacota dos meninos. Seu jeito de caminhar era o motivo de tratarem-no de forma debochada e grosseira.

Fazia já três semanas desde que ela começou a frequentar o consultório do psicólogo. Ela precisava entender o que estava acontecendo com seu filho, que era tão diferente do pai. Como podia aquele menino sentar-se tão elegantemente à mesa, comer em garfadas pequenas, enquanto o marido, pai dele, palitava os dentes, fazia barulhos perfeitamente audíveis ao engolir e mastigar.

O psicólogo chamava-se Artur e apertara calorosamente sua mão ao entrar em seu consultório. Durante a sessão falara pouco, mas a olhara com atenção, fazendo algumas considerações com uma voz aveludada que a atingira de forma certa, direto no coração.

Foram três semanas de sonho. Nunca um homem a tratara assim, nem seu pai, nem seu marido. Via-se perdida, olhando pra ele e imaginando o amor dos dois, de como seria se deitassem naquele divã,



Certamente a voz de veludo sussurraria coisas delicadas, elogios que nunca ouvira, o que acenderia dentro dela o que sempre esteve adormecido, mas ela sabia que estava lá.

Capítulo III

Depois do casamento Eva pensou que tudo seria diferente. Filha de um pai despótico e grosseiro, finalmente teria sua casa. Arrumou-a com carinho, cozinhou para o marido com esmero, assim como sua mãe fizera desde sempre.

As noites eram preenchidas por novelas e por investidas do marido, mas ela nunca conseguiu ver um sentido maior em abrir as pernas e sentir o corpo daquele homem suando em cima dela. Sabia que era sua obrigação fazê-lo, mas ela sempre esperou muito mais daquilo, ao menos alguma palavra que sinalizasse o que iria acontecer. Mas isso nunca aconteceu. Desde o começo, deixou que ele retirasse sua roupa, usasse seu corpo, para finalmente dormir, não sem antes dizer-lhe o quanto estava decepcionado com uma mulher que não conseguia se mexer convenientemente.

De algum tempo para cá, tudo havia mudado. De paciente e resignada, ela passou a rejeitar aquela situação. Não suportava mais o cheiro daquele homem, nem aturava mais os barulhos que saíam de dentro dele, muito menos seu suor, seu esperma. Esperava que ele dormisse para tomar banho com vagar, passando suavemente o sabonete pelo corpo, imaginando palavras doces dirigidas a ela. E foi assim, de olhos fechados, que ela despertou para o que seu sexo podia oferecer.

Dr. Artur passou a ser o protagonista dos seus sonhos, dos seus pensamentos, dos seus devaneios. Ansiava por ele, como se aí estivesse



sua sobrevivência. Pensava que um sentimento tão grande só podia ser correspondido, pois não era possível ignorá-lo.

As noites com o marido tornaram-se um inferno e ela não escondeu isso, nunca. Deitava-se tarde, certa de que assim ele estaria ferrado no sono. Quando acontecia de ele acordar, recebia-o mal, passaram a discutir e ele bateu nela pela primeira vez com pouca fúria, mas com palavras que dilaceraram o que lhe restava de auto estima.

As surras eram-lhe menos dolorosas do que ter que recebê-lo como mulher.

Capítulo IV

Eva tinha pavor só de pensar que seu marido pudesse devassar seus pensamentos. Era-lhe impossível imaginar que suas noites com o Dr Artur, mesmo que em sonhos, pudessem ser reveladas de alguma forma. O conhecimento do funcionamento de seu corpo deram a Eva uma fome que desconhecia. Tinha fome de afagos, de palavras doces, de toques íntimos, o que seus sonhos proporcionavam. Jamais aquele homem rude entrara neles.

Ela passou a ter a certeza de ser correspondida. Cada vez que acordava de suas noites de amor, ela imaginava um Dr. Artur extenuado, feliz por ter compartilhado com ela todo aquele turbilhão de sensações, mesmo que em um reduzido divã. As sessões de psicoterapia eram uma confirmação disso. A forma como era recebida, sempre com um aperto de mão morno, macio e uma palavra encorajadora, fizeram-na esquecer a razão de estar frequentando aquele consultório. O filho não era mais um problema, pois ela percebia que o menino era muito mais parecido com Artur do que com o pai e isso a fazia feliz.

Dr. Arthur falava-lhe da tranquilidade do seu novo comportamento, dizia-lhe que estava progredindo em sua compreensão da índole do filho e,



parecia, a admirava por isso. O encorajamento de suas palavras foi, aos poucos, dando-lhe a certeza de que, no futuro, eles ficariam juntos, felizes e tranquilos, vivendo uma vida cheia de carinhos, afagos e paixão.

Depois daquele dia em que pensou morrer, ao ver o telefone caído ao seu lado e o filho inclinado sobre ela, é que tomou a decisão: ela procuraria seu amor e resolveria todo aquele sofrimento.

Ainda havia tempo de arrumar-se com esmero e de postar-se em frente ao posto de saúde para tentar uma consulta. Não passaria mais nem uma noite em casa, sonhando e fugindo e sentindo na pele a agressividade cada vez mais intensa do marido. Não sofreria mais nenhuma surra, nem se deitaria mais naquela cama. Um futuro muito melhor a esperava. Artur não se negaria em receber também seu filho, tão parecidos que eram.

Aquela era uma ocasião especial. Perfumou-se com aquele aroma que a excitava e dirigiu-se ao posto. O caminho parecia ser outro, tal a felicidade que a invadia. Tinha vontade de cantar, de sorrir para as pessoas. Para algumas até que o fez, sem encontrar correspondência. Ninguém parecia notar que aquele era um dia especial, nem que ela arrumara o cabelo para cima, em um coque que ela acreditava estar lindo, nem em seu vestido floreado.

No posto, negaram-lhe a consulta, por não ser seu dia, mas ela sabia que ele estava lá. Sentou-se em um banco e manteve-se ereta, mesmo sentindo aquele cansaço todo, fruto das estranhas crises que sofrera. Seu corpo ansiava por deitar-se, mas a felicidade era maior.

Passaram-se muitos minutos de espera, antes de avistá-lo saindo do posto. Estava lindo! Eva aproximou-se sorrindo. Dr. Artur olhou-a e passou por ela e dirigiu-se à porta, quando ela o agarrou pelo braço.

Ele a olhou com estranheza e perguntou:

- Pois não, minha senhora?

- Artur, sou eu! Vim resolver nossa situação...

Dr. Artur desvencilhou-se dela e lançou lhe um olhar que a fez compreender tudo.

Eva acordou no hospital, horas depois. Foi questionada sobre os hematomas, sobre sua vida de casada, sobre sua relação com o marido e o filho. O cansaço não lhe permitia qualquer relação e ela compreendeu que tudo estava terminado. Tudo!



VICTOR SCOFIELD¹¹

A Caneta Alienígena

Em um dia comum, céu azul, ensolarado e temperatura agradável, Charles caminhava pela calçada emburrado com a vida. Bem... Não com a vida, mas com um fato que acabara de acontecer em sua escola. E que ficava atormentando suas lembranças segundo após segundo.

Charles mais uma vez, como muitas outras, havia levado uma surra insuportável de seus colegas valentões Felipe e Marcelo. Dois pivetes que infernizavam a vida de muitos outros na escola apenas por prazer. Na qual, jamais houve motivos para tais atitudes. E como sempre, Charles já estava cansado disso... Tão cansado, que pelo fato de estar muito machucado acabou mudando a rota de sua casa. Uma rota onde só havia estrada de chão e mato ao redor, e mais nada. Onde queria aliviar seu sofrimento e lamentações aproveitando o dia que estava bonito.

Estava bonito...

Pois em questões de dois, três minutos, as nuvens fecharam os céus e acinzentou todo o cenário em volta, dando aquela forte impressão de que iria desabar uma enorme tempestade e inundar todo o local. O que deixou Charles olhando para o céu se sentido totalmente impotente em sua situação. Afinal, ele estava sem guarda-chuva, e para piorar, no caminho errado. Mas algo estranho aconteceu. Charles percebia que

¹¹ Nascido em São Paulo em 1991, pseudônimo Victor Scofield, é escritor de Ficção Científica desde seu primeiro ano na faculdade de química da UPF. Mora em Passo Fundo desde seus doze anos de idade; é músico (violino), e é um apreciador de ficção científica desde muito pequeno, sem esquecer de mencionar que é um grande crítico de cinema e apreciador da sétima arte.



demorava muito para começar a chover. E a única coisa que estava ocorrendo era a de os ventos soprarem muito fortemente para todos os lados e as árvores ao redor chacoalharem com muita violência. Charles não estava compreendendo. Não tirou em nenhum momento o olhar do céu. Então ele viu... Um risquinho amarelo que descia do céu e que aumentava de largura conforme ia chegando perto. Charles se perguntou: *O que é aquilo?* O risquinho deixou de ser risquinho e se transformou num objeto estranho. Que, com uma velocidade extremamente absurda, caiu bem na frente de Charles e levantou uma enorme quantidade de poeira na sua cara, fazendo-o fechar os olhos com toda a sua força.

Ao cessar a poeira, Charles abriu os olhos lentamente. Olhou para frente e não viu nada. Olhou ao redor e não viu nada. Ele pensou: *Ué? O que houve? Cadê o objeto esquisito?* Então ele olhou para o chão na frente de seus pés. Um artefato em forma de uma ponta de lança do tamanho de um jarro de suco estava cravado com a ponta no chão. Charles ficou olhando aquilo sem palavras. Havia riscos estranhos em todo seu metal. Uma pequena portinha se abriu e uma quantidade pequena fumaça saiu fazendo um barulho de descompressão de ar. Charles continuava olhando. E após toda a fumaça ter se dissipado, ele enxergou um pequeno ser azul desacordado em sua pequena cadeirinha segurando uma espécie de caneta escura prateada. Havia luzinhas piscando dentro do objeto. Charles sacou na hora que era uma pequena nave extraterrestre. Ele sabia, era um alienígena de verdade. Abaixou-se e cutucou o pequeno ser com a esperança de que estivesse vivo. Fez isso inúmeras vezes, mas pelo que parecia, não havia sobrevivido a queda. Desistiu e olhou para o artifício que parecia uma caneta no colo do pequeno alien. Pegou, e analisou. Havia os mesmos rabiscos alienígenas que contornava a nave. Guardou em seu bolso e saiu andando para sua casa. Deixou a pequena nave para trás a mercê de outra pessoa achá-la – o que misteriosamente não aconteceu. Mas, Charles não estava preocupado em contar para alguém. E o dia novamente voltou a ficar ensolarado.

Charles chegou em casa como se nada tivesse acontecido. Foi para a cozinha e cumprimentou sua mãe. Sua mãe o olhou e perguntou:

- Filho, o que foi que fizeram com você? Porque está machucado?

Charles respondeu:

- Ah mãe! Não foi nada. É que sem querer tropiquei e cai, mas não foi nada demais.

A mãe de Charles rapidamente pegou uma caixinha de primeiros socorros em um dos armários da cozinha e lhe disse:

- Venha cá. Vamos tratar essas feridas.

Charles obedeceu. Sentou em uma das cadeiras da cozinha e ficou imóvel deixando sua mãe tratar de suas feridas.

Após o tratamento, com um pequeno curativo na cabeça e em alguns pontos do corpo, Charles entrou em seu quarto jogando a mochila na cama e sentando em sua cadeira de escritório girando nela. Parou, e lembrou-se da caneta que estava em seu bolso. Tirou-a e olhou-a novamente apreciando aqueles símbolos alienígenas. Olhou-a de vários ângulos e perspectivas. E percebeu que havia uma pequena divisão nela, igualzinho as canetas de girar. Pensando nisso, experimentou fazê-lo. E realmente a caneta girou. Mas não saiu nenhuma ponta. De certa forma, Charles já esperava por isso, era uma caneta de outro mundo. Em uma de suas extremidades, a ponta era arredondada semelhante à ponta de um projétil de arma. Charles ficou acariciando a palma de sua mão com essa extremidade com os olhos fechados pensando na vida.

Alguns minutos se passaram e Charles abriu os olhos. Olhou para a caneta voltando a apreciá-la. Sentiu uma de suas mãos meio esquisita e olhou para ela, e de imediato, levou rapidamente um susto ao ver que estava toda suja de tinta. Correu rapidamente para o banheiro com a intenção de lavá-la. Ufa! A tinta saiu facilmente. Charles voltou para o quarto aliviado. Mas olhou para caneta, desconfiado. Perguntou-se: *Como saiu tinta, se não tem ponta?* Charles sentou novamente na cadeira de



escritório e pegou a caneta que estava em cima da mesa de estudos. Avaliou a situação. Pegou uma folha de papel em branco e muito antes de encostar a caneta no papel, faltando dois centímetros de distancia, um ponto surgiu no papel. Charles ficou fascinado. Incrível, foi o que passou na cabeça de Charles. Uma caneta que não precisa encostar-se ao papel para escrever. Só podia ser mesmo tecnologia alienígena.

Charles, por incrível que pareça, gostava de escrever histórias. Suas prediletas eram as de terror. E já que estava com uma caneta muito legal, e que só ele no planeta tinha, resolveu escrever algumas. Teve a ideia de escrever sobre os valentões que batiam nele na escola. Já que o ódio ainda estava corroendo seu coração. Então começou... Escreveu uma história, na qual um dos valentões, que no caso era o Felipe, foi assassinado por um serial killer que gostava de matar as pessoas com facas exóticas e deixar a arma na cena do crime sem digitais. Usou três folhas para fazê-la. Na outra, escreveu que Marcelo foi morto por um enxame de abelhas assassinas em uma cabana secreta, escondida em algum ponto de uma floresta local. Usou cinco folhas. Cansado, resolveu deitar-se um pouco em sua cama e tirar um cochilo.

Com as histórias ainda frescas na cabeça, Charles adormeceu.

Em seus sonhos, ele via Felipe sendo assassinado pelo serial killer horrivelmente em sua casa, sem ter ninguém por perto para socorrê-lo. Charles viu o assassino deixar aquela faca no corpo de Felipe e sair como se nada tivesse acontecido. No momento seguinte via Marcelo entrando em uma cabana escondida na floresta e sair de dentro dela rapidamente com bilhões de abelhas o atacando. Fazendo-o morrer com o excesso de picadas e ferroadas. Charles não aguentou ver aquilo. Acordou rapidamente ofegante e assustado. *Que bom que era só um sonho.* Pensou Charles. Olhou para o relógio em seu pulso e viu que havia se passado cinco horas depois que havia dormido. Levantou-se de sua cama e saiu do quarto indo até a cozinha. Encheu um copo com água e tomou. Ouviu sua mãe falar da sala:

- Minha nossa! Que coisa horrível!



Charles foi até lá para ver o que era. Viu que sua mãe assistia o noticiário das oito. Olhou para a TV e começou a assistir. Estava um repórter em frente uma casa narrando:

- O garoto de quinze anos Felipe, foi assassinado a facadas por um assassino profissional á uma hora atrás. A pericia diz que a arma do crime foi deixada no local aparentemente sem digitais. E a policia ainda não tem suspeitos. Marcos Tuan, para o jornal da noite.

Charles estava com os olhos arregalados e o coração a mil. Sua consciência parecia pesar um planeta inteiro. Charles falou sem perceber:

- Isso só pode ter sido coincidência.

Sua mãe o olhou e lhe perguntou:

- Que você disse filho?

Charles respondeu:

- Nada mãe. Bobagem.

Charles ainda não estava acreditando. Continuou assistindo o noticiário. A jornalista começou a dizer:

- Um garoto foi encontrado morto por abelhas em uma floresta da zona sul da cidade. Pelo que a policia investigou até o momento, não houve culpado.

Outro quadro surgiu e uma repórter loira parecia estar aparentemente numa floresta. Havia luzes de sirenes dos carros da policia atrás dela. E ela começou a dizer:

- O garoto de quatorze anos Marcelo, foi encontrado aqui nesta floresta morto por um enxame de abelhas que aparentemente habitavam em uma cabana velha ali atrás. Os investigadores dizem que o ocorrido tem pelo menos três horas. A policia ainda não sabe se houve um responsável por isso. Investigações até agora só mostraram que foi um mero acidente do acaso. Tânia Miller, para o jornal da noite.



Charles andou rapidamente para o quarto. Entrou e foi até a caneta alienígena. Pegou-a, olhou-a por um bom tempo e disse:

- Não. Isso só foi uma coincidência... É foi uma coincidência.

Charles acreditou a vida toda que foi uma coincidência, mas aquele objeto que parecia uma caneta, nunca desapareceu de sua vida.



POSFÁCIO

E a palavra dita se fez verbo, na verve de quem esmerilha a imaginação. E o verbo transcende o pensamento... eis a literária criação...

E homens e mulheres que na escrita encontram seu devir... aqui lançam-se no abismo do ser, ou do não ser, e fazem emergir histórias dantes nunca contadas, mas sempre no déjà-vu de quem as lê!

É a humanidade que numa lancinante ânsia literária virá a destrinchar a poética neste livro contida, mas que nada mais é, que as histórias que permeiam as estrelinhas da vida...

Se escrever, e escrever é um ato de dodivanos seres únicos, o objetivo é sempre tu, caro leitor... Destino impecável de nosso fazer...

Se escrever é gozo, com absoluta, “quase” certeza, ousou aqui registrar... LER é regozijo!

Boa leitura à todos.

-Carlos Job

(Integrante do Projeto Passo Fundo;
Professor; Diretor de Produção Teatral; Ator; Poeta; Contista)





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



O Autor nasceu em Uruguai em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992.

Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário no ramo imobiliário. Na área da escrita considera-se filho do Projeto.

“Assim como em muitas tardinhas de sua vida, naquele dia, Genésio desceu o morro onde morava e se encaminhou para mais um dia de trabalho.”

Gustavo Pimentel

“Rodrigo preferia Isabela. Essa era mais velha, mas fisicamente parecida com Mariana. A diferença eram os cabelos. loiros e longos em Isabela. Mas afora isso, as duas eram iguais.”

Leandro Dóro

“No retorno ligou o computador. Bem, talvez, tivesse ligado sua máquina de datilografar elétrica acaso ela funcionasse. Mas ela não o ajudaria, hodierno, quando o mundo tornara-se virtual.”

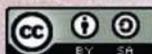
Leonardo Nunes Nunes.

“Seu plantão começara e na hora de administrar a medicação, excitou por um momento antes de bater e entrar no determinado quarto. Estava receosa, mas decidiu que...”

Rosane Souza

“Judith apaixonou-se por Carlos à primeira vista e com tal intensidade, que as noites partilhadas com o marido boêmio e alcoólatra foram motivo de um embevecimento cego. Sua trajetória com ele foi algo devastador.”

Sueli G. Froisi



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



978-85-8326-011-0